

Tradução

Sistemática elementar para a organização da tomada de turnos para a conversa

SACKS, H., SCHEGLOFF, E. & JEFFERSON, G. A Simplest Systematics for the Organization of Turn Taking for Conversation. *Language*, v. 50, n. 4, p. 696-735, 1974.

Créditos da tradução

O texto foi traduzido no âmbito da disciplina Estágio Supervisionado de Tradução, do curso de Bacharelado em Letras, ênfase em Tradução/Inglês, da Universidade Federal de Juiz de Fora, ministrada pela Professora Dr^a. Maria Clara Castellões de Oliveira.

Membros da equipe de tradução: Adriana Maria Soares da Cunha, Camila Ferrarezi Duque, Jésus Ribeiro Medeiros, Luciana de Mesquita Silva, Milene de Paula Borges, Mônica Beatriz Pedrosa Schittini.

Coordenação da tradução: Professores Drs. Maria Clara Castellões de Oliveira e Paulo Cortes Gago.

Revisão técnica: Letícia Ludwig Loder (UFRGS), Dr. Paulo Cortes Gago (UFJF), Dr. Pedro de Moraes Garcez (UFRGS).

Agradecimentos

Ao Prof. Dr. Emanuel Schegloff, co-autor do texto, por nos ter generosamente cedido os direitos autorais e nos ter facilitado todo o processo de negociação com a detentora dos direitos, a Linguistic Society of América.

À Linguistic Society of América, na pessoa da Dra. Mary Niebuhr, por nos ter cedido os direitos para a tradução.

A Prof^a Dr^a Maria Clara Castellões de Oliveira e toda a sua equipe de tradução, pelo grande esforço da empreitada, qualidade do trabalho e apoio incansável ao longo de todo o processo.

Ao prof. Dr. Pedro de Moraes Garcez, por ter aceito participar do processo de revisão da tradução, tendo-nos colocado seu grupo à disposição.

Ao grupo ISE (Interação Social e Etnografia) da UFRGS, coordenado pelo Professor Dr. Pedro de Moraes Garcez, pela leitura atenta, discussão e revisão da tradução. Agradecimentos especiais a Paola Guimaraens Salimen (Iniciação Científica Propeq-UFRGS/CNPQ), pelo grande empenho no trabalho.

Os editores
Maria Cristina Lobo Name
Paulo Cortes Gago

9

Sistemática elementar para a organização da tomada de turnos para a conversa

Harvey Sacks*
Emanuel A. Schegloff**
Gail Jefferson***

A

organização da tomada de turnos para falar é fundamental para a conversa, assim como para outros sistemas de troca de fala. Um modelo para a organização da tomada de turnos na conversa é proposto e examinado quanto à sua compatibilidade com uma lista de fatos amplamente observáveis sobre a conversa. Os resultados da investigação sugerem que um modelo para a tomada de turnos na conversa será caracterizado, no mínimo, como gerenciado localmente, administrado pelas partes, controlado interacionalmente e sensível a ajuste ao interlocutor (recipient design). Diversas conseqüências gerais do modelo são explicadas, e contrastes são esboçados em relação à organização da tomada de turnos para outros sistemas de troca de fala. ****

1. Introdução

A tomada de turnos é usada na ordenação de movimentos em jogos, na

alocação de cargos políticos, na organização do tráfego em cruzamentos, no atendimento a clientes em estabelecimentos comerciais e na fala em entrevistas, reuniões, debates, cerimônias, conversas, etc. – esses últimos sendo parte do conjunto ao qual iremos nos referir como ‘sistemas de troca de fala’. Obviamente, trata-se de um tipo proeminente de organização social, cujos exemplos estão implicados em uma vasta gama de outras atividades. Nas atividades organizadas socialmente, a presença de ‘turnos’ sugere uma economia, com turnos como algo a que se confere valor – e com meios para alocá-los, que afetam sua distribuição relativa, tal como em sistemas econômicos. Um investigador interessado na sociologia de uma atividade organizada por turnos desejará determinar pelo menos a conformação do dispositivo de organização da tomada de turnos e como ela afeta a distribuição dos turnos nas atividades em que opera.

Para o investigador de sistemas de tomada de turnos *per se*, não é de se admirar que sistemas de tomada de turnos possam ser produtivamente construídos de várias formas. Visto que são usados para organizar tipos de atividades bastante diferentes umas das outras, é de particular interesse ver como os sistemas de tomada de turnos em operação podem ser caracterizados em função de suas adaptações às propriedades dos tipos de atividades nas quais eles operam. Mais uma vez, um investigador interessado em algum tipo de atividade organizada por um sistema de tomada de turnos desejará descrever como o tipo de atividade investigada se adapta à forma particular do sistema de tomada de turnos que nele opera ou como é por ela limitado.

O assunto deste trabalho é o sistema de tomada de turnos na conversa, e o que já foi mencionado enquadra-se entre as questões às quais esse trabalho será direcionado. Outros autores já observaram que a organização da tomada de turnos na fala é um tipo de organização operante na conversa e localizaram uma gama de características e detalhes interessantes desse tipo de organização¹. Mas ainda não está disponível uma descrição da sistemática para a organização da tomada de turnos na conversa. Aqui, com base na pesquisa realizada com o uso de gravações em áudio de conversas de ocorrência natural, tentamos caracterizar, em sua forma sistemática mais simples, a organização da tomada de turnos na conversa e destacar alguns dos interesses dessa organização.

Certos aspectos da organização daquilo que denominamos tomada de turnos se impuseram aos investigadores do comportamento de ‘pequenos grupos’ – que, lidando com problemas relacionados à distribuição da fala entre participantes de pequenos grupos² ou com os tipos de ‘atos’ que formam seqüências em reuniões de pequenos grupos³, encontraram problemas condicionados centralmente pelo sistema de tomada de turnos, embora, em sua maior parte, eles não os tenham tratado sob essa ótica. Mais uma vez, estudiosos do comportamento de ‘entrevistas’ e do tipo de conversa entre duas partes que dele se aproxima na sua forma⁴, preocuparam-se com a distribuição da fala entre as partes, com a distribuição dos silêncios, com as seqüências nas quais a fala mudava de uma para a outra parte ou nas quais ela era mantida por uma única parte e com a maneira em que tal transferência ou manutenção era coordenada. Esses profissionais também lidaram com questões nas quais a tomada de turnos tem uma relevância central; mas as abordaram apenas periféricamente em termos de tomada de turnos ou as

explicaram insatisfatoriamente devido a pontos fracos nos modelos de tomada de turnos explícita ou implicitamente empregados. Na Antropologia, alguns investigadores observaram explicitamente aspectos da organização dos turnos⁵; mas suas observações em sua maior parte, estavam a serviço de outros interesses – por exemplo, a estratificação, o sistema legal, etc. – e pouco esforço tem sido dedicado tanto a reunir quanto a tratar os materiais de forma suficientemente detalhada a permitir a apreciação ou o tratamento da tomada de turnos como um fenômeno central em si mesmo⁶. Em todos esses campos de investigação, o que tem chamado a atenção dos investigadores tem sido algum resultado particular ou produto da operação da tomada de turnos, interpretado como relevante para algum outro problema – mas não a organização e a operação do sistema que permitiram ou produziram tal resultado. Aquelas abordagens que trataram da tomada de turnos diretamente, com a devida apreciação da profundidade de suas implicações e do caráter detalhado de sua organização, foram em grande parte programáticas ou apenas inicialmente empíricas; em todo o caso, não se dispõe de uma explicação sistemática⁷.

Nos últimos seis anos, estivemos engajados em pesquisa, usando gravações de conversas espontâneas, que foi cada vez mais direcionada para a extração, a caracterização e a descrição das inter-relações dos vários tipos de organização seqüencial operantes na conversa. A motivação disciplinar para tal trabalho é sociológica. Nossa preocupação com a organização da tomada de turnos tem a seguinte base. Em primeiro lugar, a existência da tomada de turnos organizada é algo que os dados de conversa tornaram cada vez mais evidente. Tornou-se óbvio que, na grande maioria dos casos, uma parte fala de cada vez, embora os falantes se alternem, e embora a extensão dos turnos e a ordem dos turnos variem; que as transições são finamente coordenadas; que são usadas técnicas para a alocação de turnos, cuja caracterização faria parte de qualquer modelo de descrição de certos materiais de tomada de turnos; e que há técnicas para a construção de elocuições que são relevantes para o seu *status* de turno, que dizem respeito à coordenação da transferência e à alocação da vez de falar. Em resumo, um conjunto de material factual, acessível a uma investigação sem outras motivações específicas, denuncia a presença da tomada de turnos e as principais facetas de sua organização. Enfocar fatos como esses, em vez de resultados específicos em cenários específicos, leva a uma investigação da organização da tomada de turnos em si, em vez de levar às suas aplicações e conseqüências em contextos particulares, ainda que a compreensão mais formal da tomada de turnos ilumine descobertas mais específicas.

Em segundo lugar, encontramos razões para considerar seriamente a possibilidade de se desenvolver uma caracterização da organização da tomada de turnos na conversa que teria as importantes características combinadas de ser livre de contexto e capaz de extraordinária sensibilidade ao contexto⁸. Procuramos por tal tipo de organização pelas seguintes razões: para começar, um problema para a pesquisa sobre a conversa real é que ela é sempre ‘situada’ – sempre decorre, e é parte, de alguns conjuntos reais de circunstâncias de seus participantes. Mas há várias razões pelas quais é indesejável ter que saber ou caracterizar tais situações de conversas específicas a fim de investigá-las. E, então, a pergunta se torna: o que poderia ser extraído

como fenômenos ordenados de nossos materiais conversacionais que acabariam por não requerer referência a um ou outro aspecto de situacionalidade, identidades, especificidade de conteúdo ou de contexto?

Uma razão para se esperar a existência de um tipo de organização como essa encontra-se a seguir. A conversa pode acomodar uma vasta gama de situações, interações nas quais estão operando pessoas de variadas identidades (ou de variados grupos de identidades); ela pode ser sensível às várias combinações; e pode ser capaz de lidar com uma mudança de situação dentro de uma situação. Conseqüentemente, deve haver algum aparato formal que seja ele mesmo livre de contexto, de forma que ele possa, em ocorrências locais de sua operação, ser sensível a vários parâmetros da realidade social em um contexto local e a eles exibir sua sensibilidade. Deve-se esperar que alguns aspectos da organização da conversa tenham esse *status* de serem livres de contexto e sensíveis ao contexto; pois, é claro, a conversa é um veículo para a interação entre partes com quaisquer identidades potenciais e com qualquer grau de familiaridade potencial. Concluimos que a organização da TOMADA DE TURNOS “para a” conversa possa ser tal coisa. Isto é, ela parece ter um tipo apropriado de abstração geral e um potencial de particularização local.

Em resumo, a tomada de turnos parece uma forma básica de organização para a conversa – ‘básica’, na medida em que seria invariável para as partes, de modo que quaisquer variações que as partes apresentassem na conversa seriam acomodadas sem mudança no sistema e de tal forma que ela seria seletiva e localmente afetada por aspectos sociais do contexto. A descrição de uma organização da tomada de turnos deveria se enquadrar nos fatos de variabilidade em virtude de um desenho que lhe permita ser sensível ao contexto; mas ela deveria ser disposta de tal forma que, não exigindo referência a nenhum contexto específico, ainda capturasse as propriedades gerais mais importantes da conversa.

Parece-nos que, para merecer consideração séria, um modelo deveria ser capaz de acomodar (i.e. ser compatível com, ou permitir a derivação de) os seguintes fatos gerais aparentes⁹. Em qualquer conversa, observamos o seguinte¹⁰:

- (1) A troca de falante se repete, ou pelo menos ocorre (cf. § 4.1, abaixo).
- (2) Na grande maioria dos casos, fala um de cada vez (cf. § 4.2).
- (3) Ocorrências de mais de um falante por vez são comuns, mas breves (cf. § 4.3).
- (4) Transições (de um turno para o próximo) sem intervalos e sem sobreposições são comuns. Junto com as transições caracterizadas por breves intervalos ou ligeiras sobreposições, elas perfazem a grande maioria das transições (cf. § 4.4).
- (5) A ordem dos turnos não é fixa, mas variável (cf. § 4.5).
- (6) O tamanho dos turnos não é fixo, mas variável (cf. § 4.6).
- (7) A extensão da conversa não é previamente especificada (cf. § 4.7).
- (8) O que cada um diz não é previamente especificado (cf. § 4.8).
- (9) A distribuição relativa dos turnos não é previamente especificada (cf. § 4.9).
- (10) O número de participantes pode variar (cf. § 4.10).

- (11) A fala pode ser contínua ou descontínua (cf. § 4.11).
- (12) Técnicas de alocação de turno são obviamente usadas. Um falante corrente pode selecionar um falante seguinte (como quando ele dirige uma pergunta à outra parte) ou as partes podem se auto-selecionar para começarem a falar (cf. § 4.12).
- (13) Várias 'unidades de construção de turnos' são empregadas; por exemplo, os turnos podem ser projetadamente a 'extensão de uma palavra' ou podem ter a extensão de uma sentença (cf. § 4.13).
- (14) Mecanismos de reparo existem para lidar com erros e violações da tomada de turnos; por exemplo, se duas partes encontram-se falando ao mesmo tempo, uma delas irá parar prematuramente, reparando, assim, o problema (cf. § 4.14).

Para expor, pelo menos, o interesse dessa área, ofereceremos e consideraremos aqui uma sistemática mais simples para a organização da tomada de turnos na conversa, que está de acordo com a lista acima¹¹. Procederemos, então a mostrar como ela lida com os fatos óbvios e com outros um tanto quanto menos óbvios. Por conseguinte, consideraremos sua estrutura e importância. Com relação à sua importância, oferecemos, neste momento, duas observações a respeito dos interesses em potencial que tal modelo desperta:

- (a) Quando fatos como os acima listados são comparados àqueles que se fazem observar em vários dos outros sistemas de troca de fala (tais como reuniões, entrevistas, debates ou cerimônias), as diferenças são prontamente percebidas. O tamanho e a ordenação dos turnos em debates, por exemplo, são obviamente pré-especificados. Essas diferenças sugerem que diferentes sistemas de tomada de turnos estão envolvidos. A conversa ocupa obviamente uma posição central entre os sistemas de troca de fala; talvez o seu sistema de tomada de turnos explique mais ou menos essa centralidade.
- (b) Os turnos são valorizados, procurados ou evitados. A organização social da tomada de turnos distribui turnos entre as partes. Ela deve, pelo menos parcialmente, ser moldada como uma economia. Como tal, se pode esperar que, como acontece com outras economias, a sua organização afete a distribuição relativa daquilo que ela organiza. Até desvendarmos a sua organização, não saberemos em que esses efeitos consistem e onde surgirão. Mas, uma vez que toda sorte de pesquisa científica e aplicada usa a conversa atualmente, todos empregam um instrumento cujos efeitos não são conhecidos. Talvez isso seja desnecessário.

2. As transcrições

Antes de procedermos à sistemática para a tomada de turnos na conversa, é fundamental que o leitor examine o Apêndice, no qual são explicados os símbolos especiais empregados na transcrição.

3. Sistemática elementar

O sistema de tomada de turnos na conversa pode ser descrito em termos de dois componentes e um conjunto de regras, como se segue.

3.1. O componente de construção de turno

Há vários tipos de unidade com as quais um falante pode começar a construir um turno. Os tipos de unidade para o inglês incluem construções do tipo sentenciais, clausais, sintagmáticas e lexicais (cf. § 4.13 abaixo). As ocorrências de tipos de unidade assim utilizadas permitem uma projeção do tipo de unidade em andamento, e, *grosso modo*, o quanto faltará para que uma ocorrência daquele tipo de unidade seja completada. Tipos de unidade que não apresentem caráter de projetabilidade não podem ser utilizadas da mesma maneira¹².

Quanto aos tipos de unidade que um falante emprega ao começar a construção da fala de um turno, o falante tem inicialmente o direito, quando de posse do turno, a uma tal unidade. A primeira finalização possível de uma primeira unidade desse tipo constitui um primeiro lugar relevante para a transição. A transferência da vez de falar é coordenada em relação a tais lugares relevantes para a transição, aos quais chegará qualquer ocorrência de qualquer tipo de unidade.

3.2. Componente de alocação de turnos

As técnicas de alocação de turno são divididas em dois grupos: (a) aqueles em que o turno seguinte é alocado pela seleção que o falante corrente faz de quem será o falante seguinte; e (b) aquelas em que um turno seguinte é alocado por auto-seleção¹³.

3.3. Regras

O que se segue parece ser um conjunto básico de regras que governam a construção de turno, responsáveis pela alocação de um turno seguinte a uma parte e que coordena a transferência, de modo a minimizar intervalos e sobreposições.

- (1) Para qualquer turno, no primeiro lugar relevante para a transição de uma primeira unidade de construção de turno:
 - (a) Se o turno até aqui está construído de modo a envolver o uso de uma técnica de 'falante corrente seleciona o próximo', então a parte assim selecionada tem o direito e é obrigada a tomar o turno seguinte para falar; nenhuma outra parte possui tais direitos ou obrigações, e a transferência ocorre naquele lugar.
 - (b) Se o turno até aqui está construído de modo a não envolver o uso da técnica de 'falante corrente seleciona o próximo', então a auto-seleção para a próxima vez de falar pode ser instituída, mas não necessariamente; quem inicia primeiro adquire o direito ao turno, e

- a transferência ocorre naquele lugar.
- (c) Se o turno até então é construído de forma a não envolver o uso da técnica de ‘falante corrente seleciona o próximo’, então o falante corrente pode, mas não precisa continuar, a menos que outro se auto-selecione¹⁴.
- (2) Se, no primeiro lugar relevante para a transição de uma primeira unidade de construção de turno, nem 1a e nem 1b operaram, e, seguindo a provisão 1c, o falante corrente continuou, então o conjunto de regras a–c reaplica-se no próximo lugar relevante para a transição e recursivamente a seguir em cada lugar relevante para a transição, até a transferência ser efetivada.

3.4. A ordenação das regras

Serve para limitar cada uma das opções que elas fornecem. O fato de 1a ser a primeira regra a se aplicar não significa que a sua opção está isenta das limitações impostas a ela pela presença, no conjunto, de regras que SE APLICARIAM, se 1a não tivesse sido aplicada. Assim, a opção pela regra 1b aplica-se caso a opção pela regra 1a não tenha sido empregada; portanto, para que a opção pela regra 1a tenha seu uso metodicamente assegurado, ela precisa ser empregada antes do primeiro lugar relevante para a transição de uma unidade inicial. A operação da opção pela regra 1a é, desse modo, limitada pela presença da regra 1b no conjunto, independentemente de a regra 1b ter sido ou não empregada de fato. De modo semelhante, para que a opção pela regra 1b tenha sua aplicação metodicamente assegurada, dada a presença da regra 1c no conjunto, ela precisará ser empregada no primeiro lugar relevante para a transição de uma unidade inicial, e antes de ser invocada a opção do falante corrente por continuar (regra 1c). Se 1c é dessa maneira invocada, então a regra 2 se aplicará; o conjunto de regras a–c se reaplicará; e a opção pela regra 1a será novamente priorizada em relação à opção pela regra 1b. Assim, a operação pela regra 1b é limitada pela presença da regra 1c no conjunto, independentemente de ter sido empregada de fato. Tendo chamado atenção para o fato de que as regras de prioridade menor limitam assim o uso das opções de prioridade maior, devemos lembrar que as limitações impostas sobre as regras de prioridade menor pelas de prioridade maior são incorporadas no próprio conjunto de regras.

As regras fornecem uma ordenação da aplicação dos grupos de técnicas (isto é, dos dois grupos de técnicas de alocação de turno) que faz a inclusão dos dois tipos de técnicas no conjunto de regras ser compatível com ‘um falante de cada vez’, prevenindo um potencial violativo de sua inclusão conjunta, caso não fossem ordenadas. Se os grupos de técnica não fossem ordenados – por exemplo, se ambos pudessem ser utilizados em qualquer ocasião na qual um pudesse ser utilizado – então as próprias técnicas cuja operação autorizaria somente um falante seguinte permitiriam que mais de uma parte fosse selecionada. Essa possibilidade seria fornecida porque cada tipo de técnica envolve o seu emprego por uma parte diferente; e, a menos que a parte que desempenha a auto-seleção fosse a mesma parte sendo selecionada pelo falante corrente, mais

de um falante seguinte terá sido escolhido. A ordenação do conjunto de regras de aplicação das técnicas exclui essa possibilidade. Além disso, a provisão 'quem inicia primeiro adquire o direito ao turno' da regra 1b fornece uma ordenação, dentro das possibilidades fornecidas por esse grupo de técnicas, que é dirigida à possibilidade de múltiplas auto-seleções abertas por essa técnica.

A minimização de intervalo e sobreposição é realizada de duas formas: uma localiza o problema, a outra trata dele em suas formas localizadas. O conjunto de regras, junto com as limitações impostas mutuamente pelas opções dentro dele, elimina o intervalo e a sobreposição da maior parte da conversa, ao eliminar o intervalo e a sobreposição da maioria dos turnos únicos. As regras possibilitam que as transferências de turno ocorram nos lugares relevantes para a transição, onde quer que o uso da técnica de alocação tenha sido realizado no que tange à sua construção. Assim, as técnicas de 'falante corrente seleciona o próximo' podem ser realizadas logo no começo do tipo de unidade empregado em um turno (por exemplo, pelo uso de uma forma de tratamento para certos tipos de unidade); mas a realização da transferência de turno não ocorre até o primeiro lugar relevante para a transição possível a seguir. O uso de técnicas de auto-seleção depende do não-uso de técnicas de 'falante corrente seleciona o próximo' e aquelas podem ser aplicadas em qualquer ponto até o primeiro lugar relevante para a transição a seguir, portanto a auto-seleção pode não ser exercida (a técnica selecionada ou a tentativa de transferência) até o primeiro lugar relevante para a transição a seguir. O falante corrente pode continuar (regra 1c), se a auto-seleção não é feita, reciclando, assim, as regras: portanto, a auto-seleção, para ser assegurada, deve ser feita NO lugar relevante para a transição¹⁵. O conjunto de regras da tomada de turnos fornece, assim, a localização das possibilidades de intervalo e sobreposição nos lugares relevantes para a transição e seu ambiente imediato, de forma que o restante do 'espaço' de um turno está livre das bases sistemáticas para a sua possibilidade de ocorrência.

4. Como o sistema dá conta dos fatos

Nesta seção, aplicamos o sistema que acabamos de descrever aos fatos gerais aparentes, inicialmente observados, para ver como o modelo os produz, ou como é compatível com eles. Além disso, uma variedade de outros resultados, não tão notadamente aparentes, que satisfazem ao modelo, será examinada. Aqui, as seções correspondem às observações numeradas na introdução deste trabalho.

4.1. A troca de falantes se repete ou, pelo menos, ocorre

Esse sistema de tomada de turnos fornece uma base sistemática para a troca de falantes e sua recorrência, ao mesmo tempo em que não as faz automáticas. A possibilidade de troca de falantes está embutida, recursivamente, no interior de cada construção de turno e recursivamente para cada novo turno, porque qualquer exemplo de tipo de unidade, a partir do qual um turno pode ser construído, atingirá um lugar relevante para a transição, no qual as duas primeiras opções de prioridade envolvem a transferência de turno para

um falante seguinte. A troca de falantes e sua recorrência não são automáticas, porque a cada lugar relevante para a transição as opções fornecidas pelas regras 1a e 1b podem não ser exercidas, enquanto a opção fornecida pela regra 1c for. Pois, contanto que essa combinação seja aplicada em cada lugar relevante para a transição encontrado, haverá uma seqüência em que não haverá troca de falantes. A ocorrência de troca de falantes é um caso especial da recorrência da troca de falantes, segundo uma limitação muito complicada para ser tratada aqui¹⁶.

4.2. Na grande maioria dos casos, fala um de cada vez

Esse fato é possibilitado por duas características do sistema: Primeiro, o sistema aloca um turno único para cada falante; qualquer falante adquire, com o turno, direitos exclusivos de falar até a primeira finalização possível de uma primeira ocorrência de um tipo de unidade – direitos que são renováveis para cada próxima ocorrência de um tipo de unidade a seguir, pela operação da regra 1c. Em segundo lugar, toda transferência de turno é coordenada em torno de lugares relevantes para a transição, que são por sua vez determinados através de pontos de finalização possíveis para ocorrências dos tipos de unidade.

4.3. Ocorrências de mais de um falante de cada vez são comuns, mas breves

Já discutimos como o conjunto de regras localiza ocorrências de sobreposição. Aqui, nos voltamos para as bases sistemáticas de sua ocorrência e sua brevidade.

Há várias bases sistemáticas para a ocorrência de sobreposição, entre as quais podemos mencionar apenas algumas:

- (a) A regra 1b, ao alocar um turno para aquele auto-selecionador que começa primeiro, estimula o começo mais prematuro possível para cada auto-selecionador. Por isso, ela possibilita a sobreposição por parte dos auto-selecionadores em competição por um turno seguinte, quando cada um projeta o seu começo para ser um começo o mais precoce possível, em algum lugar relevante para a transição possível, produzindo começos simultâneos. Exemplos:

- (1) Parky: Oo what they call them dogs that pull the sleighs.
(0.5)
Parky: S – sledge dogs.
(0.7)
Old Man: Oh uh [: : uh
→ Tourist: [Uh- Huskies. =
→ Old Man: =[Huskies. Mm,
→ Parky: =[Huskies.Yeh Huskies.
[Labovs:Battersea:A:7]

Parky: Ah como eles chamam os cachorros que puxam os

- trenós.
(0,5)
Parky: Ca- Cachorros de trenó.
(0,7)
Homem idoso: Ah, ã, [ã.
→ Turista: [ã- Huskies. =
→ Homem idoso: =[Huskies. Mm,
→ Parky: =[Huskies. É huskies.
- (2) Lil: Bertha's lost, on our scale, about fourteen pounds.
Damora: Oh [::no::.
→ Jean: [Twelve pounds I think wasn't it.=
→ Daisy: =[Can you believe it?
→ Lil: =[Twelve pounds on the Weight Watcher's scale.
[Labov et al.:Travel Agency:2]
- Lil: A Bertha perdeu, na nossa balança, uns seis quilos.
Damora: Ah [::nã::o.
→ Jean: [Cinco quilos eu acho não foi isso.=
→ Daisy: =[Você acredita?
→ Lil: =[Cinco quilos na balança dos Vigilantes do Peso.
- (3) → Mike: I know who d' guy is.=
→ Vic: [He's ba::d.
→ James: [You know the gu:y?
[Frankel: 67]
- Mike: Eu sei quem é o cara.=
→ Vic: [Ele é ma::u.
→ James: [Você conhece o ca:ra?

Pode-se notar que tais começos simultâneos comprovam a projetabilidade independente-para-cada-parte dos pontos de finalização possíveis da fala que ocupa o turno corrente.

(b) Uma outra base da sobreposição deriva da projetabilidade de possíveis lugares de finalização ou lugares relevantes para a transição. A variação na articulação da última parte projetada de um componente que se projeta como último da fala de um turno, que é na verdade um lócus conseqüente da variação articulatória, irá produzir, como se poderia esperar, uma sobreposição entre um turno corrente e um próximo:

- (4) A: Well if you knew my argument why did you bother to
a:[sk.

- B [Because I'd like to defend my argument.
[Crandall:2-15-68:93]
- A: Bem, se você sabia o meu argumento, porque se preocupou em perguntar.
B [Porque eu gostaria de defender o meu argumento.
- (5) B Well it wasn't me [::
A: [No, but you know who it was.
[Civil Defense HQ:2:88]
- B Bem, não fui eu [::
A: [Não, mas você sabe quem foi.
- (6) A: Sixty two feet is pretty good si:[ze.
B [Oh :: boy.
[NB:l:6:7]
- A: Dezoito metros é muito bom tama:[nho.
B [Ah:: menino,/Nossa.
- (7) A: Terr:: ifi::[c.
B [I think it's much better than about a:: black and white nuns going down stai::rs.
[GTS:1:2:24]
- A: Extra:o::rdiná:: [rio.
B [Eu acho muito melhor que sobre ã freiras negras e brancas descendo escadas.
- (8) A: So yer not a Pontiac People anymo(hh) [re.
B [They're gonna hit you with a bi::ll.
[GTS: 1:2:28]
- A: Então você não faz mais parte do clube do Ponti(hh)[ac.
B [Eles vão te mandar uma co::nta.

A adição de elementos opcionais que podem, especificamente, se encaixar após uma primeira finalização possível, sem a intenção de continuação (por exemplo, formas de tratamento e etiqueta), produzirá sobreposições estruturadas de modo semelhante (e sua ausência, por sinal, pode produzir intervalos estruturados de modo semelhante)¹⁷. Exemplos:

(9) A: Uh you been down here before [havenche.
B: [Yeh.
[NB:III:3:5]

A: Ah você já esteve aqui antes [né.
B: [Tive.

(10) P: Yeh alright [dear
J: [Okay
[Trio:II:12]

P: Cê tá bem [querido
J: [OK

(11) A: What's yer name again please [sir,
B: [F.T. Galloway.
[FD:IV:35]

A: Qual o seu nome de novo por favor [senhor,
B: [F.T.Galloway.

No que diz respeito à brevidade das ocorrências de mais de um falante por vez, uma razão óbvia é que elas aparecem em lugares relevantes para a transição, isto é, lugares em que falantes correntes podem ou deveriam sair, retirando, assim, um componente da sobreposição e, por isso, a sobreposição.

4.4. Transições (de um turno para o turno seguinte) sem intervalo e sem sobreposição são comuns

Juntamente com as transições caracterizadas por um breve intervalo ou uma breve sobreposição, elas compõem a vasta maioria das transições. Os componentes e o conjunto de regras, ao organizarem a transferência exclusivamente em torno dos lugares relevantes para a transição, fornecem a possibilidade de transições sem intervalo e sem sobreposição. Já descrevemos algumas bases estruturais para a ocorrência de algum intervalo e alguma sobreposição – bases que também possibilitam que tais intervalos ou sobreposições

sejam breves, e bases que são conseqüências do próprio conjunto de regras que, de outra forma, garante transições sem intervalo e sem sobreposição¹⁸.

Sistemática elementar para a organização da tomada de turnos para a conversa

4.5. A ordem dos turnos não é fixa, mas variável

Esse fato é produzido por uma combinação de duas características do sistema: (a) um único turno é alocado de cada vez; e (b) para cada uma dessas alocações, uma série de opções é fornecida, cada uma das quais pode fornecer próximos falantes diferentes. Assim, a ordenação de falantes, sendo localmente controlada (isto é, turno por turno), pode variar.

Podemos acrescentar que, embora a ordem dos turnos varie, isso não ocorre aleatoriamente. Uma tendência particularmente importante é o falante imediatamente anterior ao falante corrente ser selecionado como o falante seguinte:

- (12) → Roger: ((To Jim)) Are you just agreeing because you feel you wanna uh
→ Jim: Hm?
→ Roger: You just agreeing?
→ Jim: What the hell's that.
Al: It's – Agree [ing?
→ Roger: [Agreeing.
→ Jim: Agree::n.
→ Roger: Yeah.
Al: With us. Just going along with us.
→ Jim: No.
→ Roger: Saying 'yes, yes' [hehheh hh hehhh hh hehheh hh
→ Jim: [Well, i-i-it's true. Everything he sai(h)d is true, so
[GTS:2:2:70]

- Roger: ((Para Jim)) Você está só concordando porque acha que cê quer, ãh
Jim: Hm?
→ Roger: Você tá só concordando?
→ Jim: Que diabos é isso?
Al: É – Concordan[do?
→ Roger: [Concordando.
→ Jim: Concordano.
→ Roger: É
Al: Com a gente. Só acompanhando a gente
→ Jim: Não.
→ Roger: Dizendo 'sim, sim' [hehhah hh hehhh hh hehheh hh
→ Jim: [Bem, é-é-é verdade. Tudo o que ele disse é verdade, então.

Os padrões 'Roger como o último e o próximo para Jim' e 'Jim como o

último e o próximo para Roger' se aplicam em toda essa seqüência; a primeira entrada de AI não se realiza como um turno efetivo, e a segunda entrada assume a forma, inicialmente, de adição ao turno de um outro. Ver também exemplo (b) na nota de rodapé 13 acima e o exemplo 14 abaixo.

As fontes dessa tendência são externas à organização básica do sistema de tomada de turnos e não podem ser detalhadas aqui (cf. § 4.12 abaixo, ponto b). O que DEVE ser observado aqui é que o conjunto de regras permite que tal tendência opere, através da ordenação das opções que compõem o conjunto de regras. É a prioridade da opção 'falante corrente seleciona o próximo' que permite que a tendência ocorra.

Uma importância da tendência é a seguinte. Por causa dela, a possibilidade de 'colóquio' é sistematicamente fornecida; isso envolve, em primeiro lugar, a possibilidade de monitoramento local para a audição, entendimento, concordância, etc. De fato, é diretamente depois de qualquer turno que problemas relacionados à audição, ao entendimento, etc. daquele turno são preferencialmente colocados; o meio de colocá-los envolve a seleção do último falante como o próximo, para que repita, esclareça, etc.¹⁹

4.6. O tamanho dos turnos não é fixo, mas variável.

A variabilidade do tamanho dos turnos tem suas fontes mais gerais em duas características do sistema que descrevemos:

- (a) A disponibilidade de uma gama de tipos de unidade a partir dos quais os turnos podem, inicialmente, ser construídos (uma gama que varia no parâmetro de extensão) e a disponibilidade de um falante corrente poder selecionar livremente entre esses tipos de unidade possibilitam que, para um conjunto de turnos, cada um dos quais contendo apenas a única unidade à qual um falante tem direito inicialmente em virtude de ter um turno, os turnos do conjunto possam ter tamanhos variados²⁰. Sob esse aspecto, as construções frasais são os mais interessantes tipos de unidade, devido às expansões em extensão geradas internamente que elas permitem - e, em particular, por permitirem ANTES dos primeiros lugares de finalização possível:²¹

(13) Ken: I still say though that- if you take if you take uh a big fancy car out on the road and you're hotroddin' around, you-re-you're bound to get- you're bound to get caught, and you're bound to get shafted.
[GTS:1]

Ken: Eu ainda digo apesar disso que- se você levar se você levar ã um carro grande luxuoso para a estrada e você tiver turbinando o carro por aí, você está- você está fadado a - ser- está fadado a ser pego, e ficar enrolado.

Assim, as construções sentenciais em si já possibilitam a variabilidade do tamanho dos turnos. É em termos dessa expansividade da construção sentencial, antes da primeira finalização possível, que a característica de ‘finalização projetável’ do componente 1, no sistema de tomada de turnos, deve ser entendida. As construções do tipo sentencial podem ser analisadas, no decorrer de sua produção, por uma parte/um ouvinte com a capacidade de utilizar tais análises para projetar suas possíveis direções e locais de finalização. No decorrer de sua construção, qualquer unidade sentencial revelará rapidamente (na conversa) direções e conclusões projetáveis, que a trajetória seguinte dessas unidades sentenciais poderá vir a modificar, mas também irá defini-las ainda mais (cf. Schegloff, MS).

- (b) Uma segunda fonte de variação do tamanho do turno é a seguinte. A regra 1c fornece a possibilidade de que qualquer falante corrente possa ter a chance de produzir mais de uma única ocorrência de um tipo de unidade (cf. o exemplo (c) na nota de rodapé 14). A possibilidade de operação da regra 1c significa que o sistema não define o tamanho máximo do turno, embora o componente de construção de turno determine o tamanho mínimo do turno. Uma vez que a regra 1a fornece a qualquer falante corrente uma técnica de finalização de turno que pode ser empregada em qualquer lugar relevante para a transição, a variabilidade do tamanho do turno é sistematicamente viabilizada, independentemente da fonte (a).

4.7. A extensão da conversa não é previamente especificada

O sistema de tomada de turnos em si não diz nada diretamente a respeito da extensão ou do encerramento da conversa. Contudo, ele coloca limitações em relação a como poderia operar um dado sistema de regras para alcançar o encerramento da conversa (e, assim, a extensão). Por exemplo, devido à regra 1a, o fim não deveria ocorrer, e raramente ocorre, depois de um turno no qual a técnica de ‘falante corrente seleciona o próximo’ tenha sido usada.

A extensão ou o encerramento da conversa é governado por outros tipos de organização que não o sistema de tomada de turnos. Uma dessas organizações já foi descrita por Schegloff & Sacks 1973; observamos aqui apenas que o encerramento da conversa, e portanto sua extensão, é gerado de forma interna à sua trajetória em desenvolvimento (exatamente como a extensão do turno, conforme descrito anteriormente). Nem toda a atividade conversacional para a qual o sistema de tomada de turnos é relevante ocorre em exemplos da unidade de ‘uma única conversa’, para a qual essa estrutura de encerramento é relevante. O sistema de tomada de turnos é, em primeiro lugar, um sistema para ‘seqüências de fala’. Há uma ordem de organização para ‘tipos de seqüências’, em referência à qual a extensão da conversa para unidades desse tipo pode ser determinada. O sistema de tomada de turnos em si é compatível com extensões variáveis e não pré-determina nenhuma extensão.

4.8. O que cada um diz não é previamente especificado

Podemos comparar isso com cerimônias, nas quais o que é dito pelos participantes pode ser previamente especificado, em qualquer grau que se queira. Em debates, a ordem em que os participantes falam está diretamente relacionada ao caráter do que eles dirão, sendo as partes caracterizáveis como 'a favor' e 'contra', e os turnos em que elas falam como, por exemplo, 'réplica' e 'tréplica'. Os turnos que um 'sistema de entrevista' organiza são, alternadamente, 'perguntas' e 'respostas'. Nesses e em outros sistemas de troca de fala, a organização da tomada de turnos emprega, como parte de seus recursos, a pré-especificação mais geral ou mais refinada do que será feito nos turnos que organiza.

Em contraste com esses outros sistemas de troca de fala, a organização da tomada de turnos para a conversa não estabelece de modo algum o conteúdo de qualquer turno, nem limita o que é (para ser) feito em qualquer turno. Nem os componentes, nem o conjunto de regras incluem características que atinentes a essa questão. Mas isso não significa dizer que não há limitações ao que pode ser feito em qualquer turno. 'Primeiros turnos', dentro de um conjunto de circunstâncias estruturalmente caracterizáveis, apropriadamente executam 'saudações'; e os 'turnos seguintes' podem ser, em uma variedade de modos bem precisamente descritíveis, limitados por 'turnos anteriores'. Observamos apenas que, na conversa, tais limitações são organizadas por sistemas exteriores ao sistema de tomada de turnos. Um aspecto da flexibilidade da conversa é uma consequência importante e direta dessa característica de sua organização da tomada de turnos: sua organização da tomada de turnos (e, assim, a atividade conversacional em si mesma) opera independentemente das várias caracterizações de seja o que for que ocupa seus turnos, do(s) 'ópico(s)' neles.

Assim como em outras observações que fizemos sobre a variabilidade, o caráter não-fixado do que as partes dizem deve ser modificada, ao se observar uma tendência nele operante. O grupo de técnicas de alocação que denominamos 'falante corrente seleciona o próximo' não pode ser usado em qualquer elocução ou tipo de elocução que seja. Pelo contrário, há um conjunto de tipos de elocução, primeiras partes de pares adjacentes²², que pode ser usado para realizar tal seleção; e, com a limitação para empregar uma dessas, há limitações quanto a o que uma parte pode dizer. Mas observe: (a) nenhuma parte é limitada, em qualquer turno, a usar uma técnica de 'falante corrente seleciona o próximo'; e (b) qualquer parte interessada em fazê-lo possui um conjunto de tamanho considerável de tipos de elocução a partir do qual poderá escolher, cada um podendo realizar a seleção. E, ao passo que uma parte selecionada pelo uso de tal técnica estará limitada no que ela diz no turno assim alocado (por exemplo, estar sob algumas limitações para 'responder', se a técnica empregada para selecioná-la foi 'perguntar'), essas limitações são provocadas pela organização dos 'tipos de seqüências', cujas primeiras partes servem como técnicas de 'falante corrente seleciona o próximo'²³, e não pelo sistema de tomada de turnos em si. O fato de o sistema de tomada de turnos na conversa não restringir o que ocupa os seus turnos libera os turnos para uso por outros sistemas, e os componentes desses sistemas estão, dessa forma, sujeitos às contingências organizacionais dos turnos que ocupam.

4.9. A distribuição relativa de turnos não é previamente especificada

O conjunto de regras maximiza o conjunto 'próximos falantes em potencial': isto é, a regra 1a permite ao falante corrente selecionar qualquer outra parte como falante seguinte; a regra 1b autoriza qualquer parte que não seja o falante corrente a se auto-selecionar como falante seguinte. A combinação fornece rotas alternativas por meio das quais qualquer atual não-falante é o falante seguinte em potencial. Além do mais, a regra 1c tem como consequência de não excluir da próxima vez de falar nem mesmo o falante corrente - excetuando-se o fato de que o sistema permite que o uso dessa opção seja tratado como um evento intraturno, contando não como uma ocorrência de alocação de turno para um mesmo falante, mas como um acréscimo ao tamanho do turno. O conjunto de regras opera a cada lugar relevante para a transição, e em cada um desses lugares qualquer parte integrante da conversa pode ser o falante seguinte; por isso, o conjunto de regras fornece a possibilidade de qualquer distribuição geral de turnos e libera a distribuição de turnos para manipulação por interesses que podem ser alcançados pela distribuição de turnos.²⁴

Visto que a distribuição relativa de turnos é o resultado cumulativo, em qualquer ponto corrente de uma conversa, das determinações turno a turno da ordem dos turnos, as tendências operantes na determinação da ordem dos turnos (uma das quais foi observada acima no § 4.5) podem resultar em desvios intrínsecos ao sistema de tomada de turnos, na distribuição geral dos turnos em qualquer ponto.

4.10. O número de participantes pode variar

O sistema de tomada de turnos viabiliza isso de um modo semelhante àquele pelo qual viabiliza conversas de extensão variável. Como é construído para organizar apenas dois turnos por vez, o corrente e o próximo, e a transição de um para o outro, sem que haja restrição ao número de tais correntes e próximos que ele possa organizar serialmente, da mesma forma o sistema também organiza apenas dois falantes por vez, o atual e o próximo, e não está explicitamente direcionado ao tamanho do conjunto a partir do qual eles são selecionados. Ao não prever o número de falantes além do atual e do próximo, o sistema é compatível com números diferentes de participantes de uma conversa para outra. Além disso, ao ser compatível com números diferentes de participantes, ele é compatível com números variáveis de participantes em qualquer dada conversa, uma vez que existem mecanismos para a entrada de novos participantes e para a saída dos participantes atuais (embora não os descrevamos aqui).

Embora o sistema de tomada de turnos não restrinja o número de partes de uma conversa que ele organiza, ele favorece, em virtude de seu desenho, números menores de participantes. Isso está relacionado, mais centralmente, à tendência operante no mecanismo de ordenação dos turnos, discutidos no § 4.5 acima. Dito do modo mais simples: o conjunto de regras refere-se a apenas dois falantes, o corrente e o próximo; e a tendência de ordem dos turnos, quando ela opera, seleciona 'o falante imediatamente anterior ao corrente' para ser o próximo. Na conversa entre duas partes, os dois falantes aos quais o conjunto

de regras se refere, e para os quais a tendência de ordem dos turnos funciona, abrangem todas as partes da conversa, e não vem ao caso falar de uma 'tendência' da ordem de turnos. A tendência para 'o último como próximo', entretanto, permanece invariável diante de aumentos no número de partes – e, com cada incremento adicional no número de partes, tende progressivamente a concentrar a distribuição de turnos em um subconjunto de próximos falantes em potencial. Com três partes, uma poderia ser 'deixada de fora', caso a tendência operasse rigorosamente; com quatro partes, duas poderiam ser 'deixadas de fora', etc.

Pode-se observar que algumas das variabilidades que estamos discutindo estão relacionadas (por exemplo, o número de partes e a ordem dos turnos) e possuem uma gama de relevâncias diferentes; o ordenamento parcial delas pode ser ilustrado por referência ao parâmetro 'número de partes'. Desse modo, para duas partes, a variabilidade relevante não é a distribuição diferente dos turnos (uma vez que terão turnos em alternância), mas sim o diferente tamanho dos turnos. Com três partes, a diferente distribuição dos turnos torna-se relevante. Embora o tamanho dos turnos mantenha-se relevante, introduz-se uma tendência a um tamanho menor de turno. Com a introdução de uma terceira parte, 'o turno seguinte' não é mais assegurado a (ou obrigado a) qualquer não-falante corrente. Na conversa entre duas partes, um não-falante corrente pode passar por qualquer lugar relevante para a transição que seja não-obrigatório (i.e., quando a técnica 'falante corrente seleciona o próximo' não foi usada) com a total garantia de ser 'o falante seguinte' em algum momento; mas com três ou mais partes isso não é garantido. Se um 'não-falante corrente', interessado em ser o próximo a falar, não se auto-selecionar em um próximo lugar relevante para a transição, então algum outro não-falante corrente poderá se auto-selecionar e, no seu turno, selecionar outrem; ou o falante corrente poderá continuar, e na sua continuação, selecionar um outro não-falante corrente. Portanto, um não-falante corrente, se interessado em ser o próximo a falar, estará sob pressão para se auto-selecionar no primeiro ponto de transição possível e em cada ponto semelhante seguinte. Além disso, se um falante corrente estiver interessado em escolher entre os próximos falantes potenciais, ele se encontrará sob pressão para realizar a seleção antes do primeiro lugar possível para a transição (no qual ocorre a transferência no lugar relevante para a transição, por meio da regra 1a), a fim de evitar que um não-falante corrente indesejado se auto-selecione nesse ponto. De ambos os lados existirá, então, pressão para a minimização do tamanho dos turnos, que funcionará de maneira distinta com três ou mais partes.

Com quatro partes, um tipo de variabilidade, até agora não considerada, é introduzido, a saber, a variabilidade no número de sistemas de tomada de turnos em operação. Existem mecanismos para a cisma de uma conversa em mais de uma. Esses mecanismos podem operar quando pelo menos quatro partes estão presentes, a partir de então há partes suficientes para duas conversas. Com quatro partes então, a cisma é uma possibilidade sistemática. Observamos, anteriormente, que a tendência de ordenação dos turnos a 'o último falante ser o falante seguinte' passa a ser uma tendência distribucional relativa com a presença de três ou mais partes. Com quatro ou mais partes, introduz-se uma restrição possível para a tendência pela possibilidade de cisma. Se existe um interesse em reter, em uma dada conversa, algum dado conjunto atual das

partes (onde existem no mínimo quatro), então os meios do sistema de tomada de turnos para implementar esse esforço envolvem 'a dispersão de turnos', uma vez que qualquer par de partes que não esteja recebendo ou tomando o turno ao longo de algumas seqüências de turnos pode encontrar acessibilidade mútua para entrar em uma segunda conversa:

- (14) Ethel, Ben e Max estão visitando Bill e Lori. Eles trouxeram muita comida, incluindo um salame que Max pegou no seu refrigerador. Ben está usando sua nova conjugação de óculos e aparelho de audição. Nesse ponto, Lori está oferecendo bebida. (Schenkein: II: 13- versão drasticamente simplificada)

| | | | |
|---|--------|---|---|
| | Ethel: | I'll take some scotch, if you have it. | |
| → | Ben: | You're gonna have to quit yelling, you see | |
| | Ethel: | [Oh look his ear! | |
| → | Lori: | [Oh that's right. You got- I know I noticed when he came in. | |
| → | Ben: | Did you notice it? | |
| → | Lori: | Yeah how do you like it. | |
| → | Ben: | It's fantastic. | |
| | Ethel: | Except the thing presses into his head. | |
| → | Ben: | It- it hurts me terrible I have to go down and get it adjusted. | |
| → | Lori: | Yeah. | |
| → | Ben: | It kills me right here. | |
| → | Lori: | It's, | |
| → | Ben: | The glasses are tight I feel it. | |
| | | | Max: Is the salami dry? |
| | Lori: | What happens if somebody else puts it on, | |
| | | | Max: Bill, |
| | Ben: | Nothin, | |
| | Lori: | Will I hear it? | Max: Did it get dry? |
| | Lori: | Will I hear it? | |
| | | | Bill: A little bit. |
| | Ben: | You gotta put this inside the ear. | Bill: But it's good that way. |
| | Lori: | And then will it be real loud? | Bill: (Because) all the fat evaporates. |
| | Ben: | Well, yeah. Probably will be because you're- | |
| | | | Ethel: Y'know we had - |
| | Lori: | It won't be too loud. | Ethel: We know somebody who used to hang- |
| | Ben: | Well I could adjust the volume, I | |

have it-

Ben: I have it down almost al
l the way.

Lori: Okay

Ben: Yeah. Because see I have
perfect hearing in this ear.

Ethel: Hang it-

Ethel: Leave it outside
all the time

Ethel: So it would dry out

Ethel: The fat would
dry all out.

- Ethel: Eu vou tomar uísque, se você tiver,
→ Ben: Você vai ter que parar de gritar, tá bem,
Ethel: [Ah olha a orelha dele!
→ Lori: [Ah isso mesmo. Você tá – Eu sei eu notei quando ele entrou.
→ Ben: Você notou?
→ Lori: É, que tal.
→ Ben: É fantástico.
Ethel: Mas o negócio aperta a cabeça dele.
→ Ben: Isso – isso me machuca muito, tenho que ir até lá e mandar
ajustar.
→ Lori: É
→ Ben: Me machuca bem aqui.
→ Lori: É
Ben: Os óculos estão apertados eu sinto.
Max: O salame está seco?
Lori: O que acontece se outra pessoa
colocar os óculos,
Max: Bill,
Ben: Nada,
Lori: Eu vou escutar?
Lori: Eu vou escutar?
Max: Ficou seco?
Ben: Você tem que colocar isso Bill: Um pouquinho.
dentro do ouvido. Bill: Mas tá bom desse jeito.
Lori: Então vai ficar bem alto? Bill: (Porque) toda a gordura
evapora.
Ben: Bem, sim. Provavelmente vai ficar
porque você está-
Ethel: Você sabe que a gente
tinha.
Lori: Não vai ficar muito alto. Ethel: A gente conhecia alguém
que costumava pendurar-
Ben: Bem, eu poderia ajustar o volume,
eu tenho-
Ethel: Pendura-
Ben: Deixo no baixo quase o Ethel: Deixar ele fora o
tempo todo. tempo todo.

Lori: Tá bom Ethel: E assim ia secando
 Bet: Tá. Porque veja eu tenho uma Ethel: A gordura ia secando
 audição perfeita nesse ouvido. toda.

Sistemática elementar para a organização da tomada de turnos para a conversa

A esse respeito, um interesse em manter completo o conjunto atual das partes estimula uma distribuição de turnos diferente do produto distributivo da tendência de ordenação dos turnos.

Deve ser observado que a possibilidade de cisma introduzida por uma quarta parte pode servir como uma restrição à distribuição dos turnos introduzida por uma terceira parte, assim como a distribuição de turnos introduzida por uma terceira parte serve como restrição aos mecanismos de dimensionamento do tamanho dos turnos operantes para duas partes. Mas deveria ser observado também que essa cisma como uma 'restrição' sobre a distribuição dos turnos é equívoca – já que a distribuição dos turnos pode, na mesma medida, ser usada como um meio de algumas partes encorajarem a cisma por outras.

4.11. A fala pode ser contínua ou descontínua

Ela é contínua quando, por uma seqüência de lugares relevantes para a transição, ela continua (por que outro falante continua, ou o mesmo falante continua a falar), passando por um lugar relevante para a transição, com um mínimo de intervalo e de sobreposição. As discontinuidades ocorrem quando, em algum lugar relevante para a transição²⁵, um falante corrente parou, nenhum falante começa (ou continua), e o espaço resultante da não-fala constitui ele próprio mais do que um intervalo – não um intervalo, mas sim um lapso:

(15) J Oh I could drive if you want me to.
 C Well no I'll drive (I don't m//in')
 J hhh
 (1.0)
 → J I meant to offah
 (16.0)
 J Those shoes look nice when you keep on putting
 stuff on 'em.
 C Yeah I've to get another can cuz cuz it ran out. I
 mean it's a//lmost(h) ou(h)*t
 J oh::ah*be hh heh=
 C =yeah well it cleans 'em and keeps// 'em clean.
 J Yeah right=
 C =I should get a brush too and you should getta
 brush'n//you should-* fix your hiking boo//ts
 J Yeah suh::
 J my hiking boots
 C which you were gonna do this weekend.
 J Pooh, did I have time this wk –well::
 C Ahh c'mon=
 J =wh'n we get–(uh::kay), I haven't even sat down

to do any- y'know like yhh today I'm gonna sit
 down 'n read while you're doing yur coat, (0.7) do
 yur- hood.

C: Yehhh=
 J: =(ok) (2.0) I haven't not done anything the whole
 weekend.

C: (okay)
 → (14.0)
 J: Dass a rilly nice swe::der, ('hh) 'at's my favorite
 sweater on you,
 it's the only one that looks right on you.

C: mm:huh.
 → (90.0)

[(C-1:2)]

J: Ah eu posso dirigir se você quiser.
 C: Bem não eu dirijo (Eu não não me im//porto)
 J: hhh
 (1.0)
 → J: Estava só oferecendo
 (16.0)
 J: Estes sapatos ficam legais quando você continua
 passando esse
 negócio neles.

C: É tenho que comprar outra lata porque acabou.
 Quero dizer tá //
 quase(h) a(h)cabando * =

J: ah:::ãh é hh heh=
 C: =É, bem isso limpa deixa // eles.. limpos.
 J: É mesmo=
 C: Eu devia comprar uma escova também e
 você deveria comprar uma escova e // você devia-
 * consertar as botas de escala//da.

J: Sim, siô::
 J: minhas botas de escalada
 C: Que você ia fazer nesse final de semana.
 J: Pobre de mim, quisera ter tido tempo essa seman- bo::m
 C: Ahh deixa disso=
 J: quando nós pegarmos- (tá:: certo), eu ainda nem
 sentei pra fazer-
 você sabe igual •hh hoje eu vou sentar e ler
 enquanto você faz seu
 casaco, (0.7) faz seu- capuz.

C: Tá=
 J: (Tá bom) (2.0) Eu não não fiz nada no fim de
 semana todo.

- C (Tá bom)
(14.0)
- ↳ É realmente um suéter legal, (' hh) esse é o meu suéter favorito em você, é o único que fica bem em você.
- C mmhã
(90.0)

[(C-I:2)]

O fato de que a fala poder ser contínua está previsto nas regras pelo fato de que cada opção fornece um procedimento por meio do qual algum falante seguinte pode ser localizado, em qualquer lugar relevante para a transição. O exercício das opções para falar, à feição ordenada na qual essas opções tornam-se disponíveis a cada lugar relevante para a transição, produz uma seqüência de fala contínua. Mas, uma vez que cada regra fornece uma opção (e o último do conjunto ordenado de regras em particular fornece uma opção, em vez de, por exemplo, um retrocesso, fornecendo um falante caso nenhuma outra opção o tenha fornecido), a possibilidade de descontinuidade também existe. Em qualquer lugar para a transição em que nenhuma das opções para falar tenha sido empregada, aparece a possibilidade de um lapso, e, portanto, de fala descontínua.

Uma variedade de restrições pode operar na localização possível dos lapsos. Uma restrição importante se dá pelo próprio sistema de tomada de turnos. Se a regra 1a é empregada na fala de um turno, ao selecionar um falante seguinte para prosseguir após a possível finalização desse turno, nenhum lapso pode propriamente ocorrer; isto é, um silêncio depois de um turno no qual um falante seguinte foi selecionado será ouvido não como um possível início de um lapso, nem como um intervalo, mas como uma pausa antes do início do turno do falante seguinte selecionado. Estamos dizendo o seguinte: dentre os meios usados para a redução de intervalos estão as decisões classificatórias que parecem ser, por sua vez, ordenadas em relação à aplicabilidade alternativa de 'intervalo', 'pausa' e de 'lapso', como formas de se conceber o aparecimento do silêncio na conversa.²⁶

Se a regra 1a foi empregada na fala do turno corrente, então está descartada a possibilidade de um lapso imediatamente a seguir. Um lapso ocorre quando a regra 1a não foi empregada, através da reciclagem das opções fornecidas pelas regras 1b e 1c. Ou seja, quando a regra 1a não foi empregada, o turno seguinte está disponível para um falante seguinte que se auto-selecione; caso ninguém se auto-selecione, então o falante corrente pode se auto-selecionar para prosseguir (na sua continuação, possivelmente aplicando a regra 1a). Caso o falante corrente não se auto-selecione para prosseguir, a regra 1a mantém-se inoperante, e há mais espaço (uma outra rodada) disponível para auto-seleção – e, na ausência de auto-seleção por um outro, a auto-seleção pelo falante corrente para prosseguir, etc. Ou seja, uma série de rodadas de possível auto-seleção por outros e auto-seleção pelo falante corrente para prosseguir – regras 1b e 1c – pode se desenvolver, em nenhuma das quais se exerce as opções para falar, com o consequente desenvolvimento constituído de um lapso na conversa²⁷.



4.12 Técnicas de alocação de turno são usadas²⁸

Uma observação inicial de que técnicas de seleção do falante seguinte operam na conversa pode ser feita a partir de ‘casos óbvios’, tais como o fato de que uma pergunta dirigida a alguém seleciona o seu destinatário para falar a seguir – ou que, ao começar a falar quando não selecionada, uma parte se auto-seleciona para falar²⁹. Duas conseqüências se apresentam: (1) visto que os casos óbvios sugerem que técnicas de seleção estão operando, há razão para se procurar técnicas que sejam menos óbvias, mas provavelmente usadas; (2) os casos óbvios sugerem que as técnicas podem ser agrupadas e sugerem um tipo de agrupamento, que pode organizar a procura por outras técnicas.

Existem de fato outras técnicas de alocação; e elas parecem ser agrupadas como ‘falante corrente seleciona o próximo’ e ‘auto-seleção’. O máximo que podemos fazer aqui é brevemente descrever algumas técnicas, indicando que elas naturalmente fazem parte de tais grupos.

(a) O caso ‘óbvio’ de uma pergunta dirigida a alguém é apenas um caso especial de uma classe de tipos de elocuições ou partes de ‘tipos de seqüências’, que compartilham a propriedade de possivelmente selecionar o falante seguinte. Ou seja, a ‘pergunta’ é um exemplo da primeira parte de uma unidade seqüencial anteriormente denominada ‘pares adjacentes’ (cf. Schegloff & Sacks). Essa classe de unidades também inclui seqüências tais como ‘saudação - saudação’, ‘convite – aceitação/recusa’ etc.:

(16) Reclamação / rejeição

Ken: Hey, yuh took my chair by the way an’ I don’t think that was very nice.

Al: I didn’ take yer chair, it’s my chair.

[GTS:1]

Ken: Ei, você pegou a minha cadeira por sinal e eu não acho que isso foi muito legal.

Al: Eu não peguei a sua cadeira, é a minha cadeira.

(17) Elogio / rejeição

A: I’m glad I have you for a friend.

B That’s because you don’t have any others.

[FN]

A: Estou feliz por ter você como amigo.

B Isso é porque você não tem mais nenhum.

(18) Desafio / rejeição

A: It’s not break time yet.

B I finished my box, so shut up.

[SU:1]

- A: Ainda não é hora do intervalo.
B: Eu terminei a minha caixa, então cala a boca.

(19) Pedido / concessão

'7:19. Raymond sat back in his chair. He was nearly finished with his breakfast. He said in a slightly complaining tone, "Mommie, I don't want this other piece of toast." His mother said casually, "You don't? Well, O.K. I guess you don't have to eat it." He finished eating his breakfast.'
[Barker & Wright 1951:22]

'7:19. Raymond encostou-se na sua cadeira. Ele estava quase acabando seu café da manhã. Disse em leve tom de reclamação: "Mãe, eu não quero este outro pedaço de torrada". A mãe disse descansadamente: "Você não quer? Está bem. Eu acho que você não precisa comer". Ele terminou de comer o café da manhã.'

Para oferta/aceitação e oferta/recusa, cf. exemplo (a) na nota de rodapé 13; para pergunta/resposta, cf. exemplo (b), *Ibid.*; para oferta/recusa e dois elogios/aceitações, cf. exemplo 15; instrução/recebimento, cf. Goldberg, MS; para outros, cf. os trabalhos citados na nota de rodapé 23.

Alguns aspectos dessa classe de unidades foram descritos anteriormente, e outros serão descritos em trabalhos posteriores. Seus primeiros componentes podem ser denominados de 'primeiras partes de par'; eles estabelecem restrições ao que deve ser feito em um turno seguinte (por exemplo, uma 'pergunta' faz com que uma 'resposta' seja especialmente relevante para o turno seguinte), mas sozinhos não alocam o turno seguinte para algum candidato a falante seguinte. Entretanto, eles são o componente básico para selecionar o falante seguinte, visto que é primordialmente por associação a uma primeira parte de par que o dispositivo aparentemente mais eficaz para selecionar o falante seguinte – dirigir-se a alguém – realmente funciona³⁰. Assim, uma técnica geral importante através da qual o falante corrente seleciona o próximo – talvez a central – envolve a associação de uma forma de tratamento (ou algum outro dispositivo para obter a atenção, por exemplo o direcionamento do olhar) a uma primeira parte de par³¹. Mas dirigir-se a uma parte não irá por si só necessariamente selecioná-la como falante seguinte. Assim, A, dirigindo uma pergunta a B, o seleciona como falante seguinte; mas quando B fala em seguida e dirige uma resposta a A (uma segunda parte do par), A não é necessariamente selecionado como falante seguinte:

- (20) Sharon: You didn' come tuh talk tuh Karen?
Mark: No, Karen- Karen 'n I're having a fight, (0.4) after she went out with Keith and not with (me).
→ Ruthie: hah hah hah hah
→ Karen: Wul Mark, you never asked me out.

[SN-4:3]

Sharon: Você não veio pra falar com a Karen?
Mark: Não, Karen- Karen e eu brigamos, (0.4) depois que ela saiu com o Keith e não comigo.
Ruthie: ha ha ha ha
Karen: Ora Mark, você nunca me convidou para sair.

- (21) S Oscar did you work for somebody before you worked for Zappa?
Q Yeh, many many. (3.0) Canned Heat for a year.
S Didya?
Q Poco for a year.
→ T ooh when they were good?
Q Bangor Flunt Madura fer a y- couple years.
T Bangor Flunt Madura?
Q Bangor Flying Circus.
→ J Oh: yeh I// remember Bangor Flying Circus.
[Toni-6:372-380]
- S Oscar você trabalhou para alguém antes de trabalhar para o Zappa?
Q Sim, muitos muitos. (3.0) Para Canned Heat por um ano.
S É mesmo?
Q Para Poco por um ano.
T Ah, quando eles eram bons?
Q Para Bangor Flunt Madura por um a- alguns anos.
T Para Bangor Flunt Madura?
Q Para o Bangor Flying Circus.
J Ah, sim eu // lembro do Bangor Flying Circus.

Cf. os dados citados na nota de rodapé 31. Em cada caso, observe que o falante depois de uma resposta não é o perguntador, a quem a resposta foi dirigida, embora no exemplo 21 existam também seqüências nas quais o perguntador fala logo depois da resposta.

- (b) Uma das variantes do uso da primeira parte de par para selecionar um falante seguinte realiza a seleção do falante seguinte sem recurso à técnica de dirigir-se a ele ou a qualquer outra técnica semelhante, mas selecionará apenas um outro falante específico como falante seguinte. Esse dispositivo é uma variante da 'pergunta', um tipo de primeira parte de par – a saber, repetições de partes de uma elocução anterior com entonação de 'pergunta' (cf. Jefferson 1972); uma variedade de 'perguntas de uma só palavra' tais como *quê?*, *quem?* etc.; e outras 'técnicas de reparo':

- (22) → Ben: They gotta- a garage sale.
Lori: Where.
Ben: On Third Avenue.

[Schenkein : II : 38]

Sistemática elementar para a organização da tomada de turnos para a conversa

- Ben: Eles estão com uma– uma liquidação de garagem
Lori: Onde.
Ben: Na Terceira Avenida.

Cf. os exemplos a-f na nota de rodapé 12, 12 ('Jim: Agree::n'), e 21 ('T: Bangor Flunt Madura?')

Esse tipo de pergunta pode ser usado sem qualquer técnica associada para selecionar um outro falante específico e, desse modo, seleciona o falante imediatamente anterior como o falante seguinte. Essas técnicas de reparo constituem um mecanismo central que introduz a tendência de ordenação dos turnos (e, cumulativamente, a tendência de distribuição dos turnos) observada anteriormente: o único mecanismo sistemático disponível para a seleção do falante seguinte que pode preferir, formalmente, um falante seguinte identificado apenas em termos de tomada de turnos (e, assim, livre de contexto) é aquele que seleciona o falante anterior como falante seguinte.

- (c) A técnica descrita em (a) acima, o uso de uma primeira parte endereçada, pode parecer limitar bruscamente a fala de um turno no qual a técnica de 'falante corrente seleciona o próximo' iria ser usada. Ou seja, pode parecer que qualquer turno desse tipo teria que ser construído como uma primeira parte de par; e técnicas de 'falante corrente seleciona o próximo' pareceriam, então, não ter nenhuma operacionalidade geral, mas estariam presas a elocuições construídas como primeiras partes de par. Portanto, deveria ser observado que a fala de um turno, seja ela ou não inicialmente construída como primeira parte de par, pode ser transformada em um locus de 'falante corrente seleciona o próximo', pela associação a ela de uma 'pergunta-apêndice' (*tag question*), por exemplo, *Sabia? (You Know?)*, *Não concorda? (Don't you agree?)*, etc.

A disponibilidade da 'pergunta-apêndice' como associável à fala de um turno é de especial importância, pois é a 'técnica de saída' para um turno que está geralmente disponível. Ou seja, quando um falante corrente construiu a fala de um turno até um possível lugar relevante para a transição sem ter selecionado um falante seguinte e ele não encontra nenhum outro falante que se auto-seleciona para ser o próximo, ele pode, empregando sua opção de continuar, adicionar uma pergunta-apêndice, selecionando outro como falante seguinte na finalização da pergunta-apêndice e, desse modo, saindo do turno. A esse respeito, a pergunta-apêndice é um dos membros de uma classe que podemos chamar de 'refinalizadores' (*recompleters*), uma classe que fornece uma das fontes importantes da fala que se realiza, quando a opção pela regra 1c é exercida. A eficácia das perguntas-apêndice quanto a isso é que elas

invocam a regra 1a, fazendo com que o começo do turno de um falante seguinte específico seja relevante na quando da finalização DAS PRÓPRIAS perguntas-apêndice. Deve ser observado que esse uso da regra 1a, por meio de perguntas-apêndice, é seqüencialmente bem diferente da invocação da regra 1a por meio de turnos construídos desde o começo para serem, por exemplo, perguntas dirigidas a alguém: as primeiras são exemplos nos quais a regra 1a é aplicada apenas quando a regra 1b não tiver sido exercida. Enquanto turnos que empregam a opção da regra 1a desde o começo projetam, assim, a transferência de turno em um primeiro lugar relevante para a transição, as perguntas-apêndice (i.e., que poderíamos denominar '1c-1a's) vêm depois de um lugar relevante para a transição inicial. Elas operam, dessa maneira, em um segundo ciclo de opções do conjunto de regras.

(d) A lista de técnicas 'falante corrente seleciona o próximo' pode ser extensivamente ampliada pela inclusão de técnicas que empregam identidades sociais em sua operação. Assim, em uma conversa que envolva dois casais, um convite feito por um falante para ir ao cinema será ouvido de modo a selecionar como falante seguinte um membro do 'outro casal', excluindo 'o próprio cônjuge'. O problema de introduzir identidades sociais específicas na nossa descrição da tecnologia é especialmente complexo, porque um dos aspectos principais de flexibilidade da conversa é que ela é compatível com multiplicidades de identidades sociais de alguns 'mesmos' participantes e com mudanças nessas identidades. Uma caracterização formal de como as identidades sociais dos participantes são tornadas relevantes e alteradas na conversa não existe neste momento, embora esse problema esteja sendo trabalhado. Está bastante claro que algumas técnicas de 'falante corrente seleciona o próximo' estão vinculadas à questão com a qual tal caracterização formal irá lidar, mas por ora são demasiado incômodas para serem introduzidas em detalhe (cf. Sacks 1972).

(e) A técnica básica para a auto-seleção é 'começar primeiro'. A regra 1b incorpora isso explicitamente ao estabelecer que 'o primeiro a começar fica com o turno'. Essa formulação não deve ser entendida primordialmente como se referindo a uma circunstância na qual, após a finalização de um turno, várias partes começam a falar, entre as quais 'o primeiro a começar prossegue'. Ao contrário, é necessário observar que regularmente, depois de uma pausa muito breve, apenas um falante começa. Ou seja, as pausas entre elocuições são muito breves, o que demonstra que alguém normalmente começa rapidamente; e o ÚNICO a começar deve ser pensado como 'primeiro a começar', que obteve êxito em ser o único a começar em função da cláusula 'o primeiro a começar prossegue', e sendo 'dispensável' pelo fato de que, se ele não tivesse começado rapidamente, outra pessoa o teria. Neste momento, é apropriado recordar a discussão anterior sobre a pressão que a regra 1b e sua cláusula do 'primeiro a começar' exercem no tamanho dos turnos: a cláusula do primeiro a começar motiva qualquer um que tenha a intenção de se auto-selecionar a começar o mais

cedo possível no primeiro/próximo lugar relevante para a transição; e um falante corrente, orientado para isso, irá desse modo construir fala de um turno de modo tal que se permita a sua formação intacta em vista dessa pressão. Assim, existe uma pressão para a minimização do tamanho dos turnos de ambos os lados.

A pressão sobre os auto-selecionadores para que comecem cedo, produzida pela cláusula do 'primeiro a começar prossegue', é limitada por uma característica dos tipos de unidade a partir das quais a fala turno é construída. Foi observado no § 3.1 que os tipos de unidade projetam, desde os seus inícios, aspectos de sua construção, sua direção e quanto se precisará para completá-los³². Um auto-selecionador que almeja um começo dos mais precoces, que seja projetado ainda durante uma elocução em andamento, de modo a se encaixar proximamente à sua finalização, enfrenta o problema de que o seu começo mais precoce deve começar com o início de um tipo de unidade – um que, dada a sua projetabilidade, precisará refletir algum grau de planejamento para a fala do turno e irá ele mesmo projetar essa planejabilidade. É isso que estará envolvido, apesar de que o turno atual ainda esteja em andamento, e possa ser internamente estendido com suas extensões modificando sua direção. Existem, também, as adições ao turno anterior, já mencionadas no § 4.3, de extensões articulatórias e elementos de pós-finalização opcionais depois do primeiro lugar possível para a transição. Assim, o início de um turno seguinte está sujeito a múltiplas fontes de sobreposição, e uma sobreposição do início de um tipo de unidade pode prejudicar sua participação na construção da elocução do turno e sua projeção do plano do turno. Por esse motivo, a necessidade de se começar com um início de sentença (nos casos em que a sentença é a unidade planejada) limita a inserção temporal relativa de começo de seu turno, pois a sua possibilidade de análise pode ser afetada, se ele estiver em sobreposição.

Quanto à limitação de 'começar com um começo' e suas conseqüências, é de especial interesse uma certa classe de construções com a qual temos familiaridade. Os inícios acessórios (*appositional beginnings*), por exemplo *bem (well)*, *mas (but)*, *e (and)*, *então (so)* etc., são extraordinariamente comuns e de fato satisfazem as restrições de iniciar. Mas eles assim o fazem sem revelar muito sobre os aspectos construcionais da sentença assim iniciada, isto é, sem requerer que o falante tenha um plano em mãos como uma condição para começar. Além disso, sua sobreposição não irá prejudicar o desenvolvimento construcional ou a possibilidade de análise da sentença que eles iniciam. Então, os acessórios são dispositivos de entrada de turno ou PRÉ-COMEÇOS, assim como as perguntas-apêndice são dispositivos de saída ou PÓS-FINALIZADORES. Os acessórios e as perguntas-apêndice são dispositivos abundantemente usados, embora a base para o seu uso não seja de modo algum lingüisticamente auto-evidente. Estamos propondo que eles devem ser entendidos como mecanismos com importantes usos em termos de organização dos turnos.

- (f) Embora a técnica básica para a auto-seleção seja 'começar primeiro', e é em virtude de sua operação que normalmente os que começam primeiro são os únicos a começar, é suficientemente óbvio que a auto-seleção é feita quando outro auto-selecionador já começou e que tais auto-selecionadores REALMENTE começam a fala de um turno. Com exceção do

organização parece estar voltada para um dos aspectos principais da construção da fala em um turno – a saber, não importando quais forem as unidades empregadas para a construção e não importando qual for a linguagem teórica empregada para descrevê-las, elas ainda possuem pontos de possível finalização da unidade, pontos que são projetáveis antes de sua ocorrência. Visto que isso é a melhor parte do que o sistema de tomada de turnos demanda dos materiais da língua a partir dos quais seus turnos são modelados, ele será compatível com um sistema de unidades que tenha essa característica.

Nossa discussão no § 3.1 sobre o componente de construção de turno do sistema de tomada de turnos identifica os tipos de unidades de construção de turno como sentenciais, clausais, sintagmáticas e lexicais – isto é, sintaticamente. A discussão sobre os acessórios e sobre as perguntas-apêndice – e, o mais importante de tudo, sobre o modo como a perspectiva da transferência de turno no primeiro lugar possível relevante para a transição condiciona decisões tais como decidir entre estruturas de sentenças encaixadas à esquerda e combinadas – deveria indicar as maneiras profundas nas quais a sintaxe interessa à tomada de turnos, embora seja uma sintaxe concebida em termos de sua relevância para a tomada de turnos. Se examinamos materiais empíricos para se ver onde, em um turno em andamento, os próximos falantes começam (ou tentam começar) turnos seguintes, percebe-se que tais começos não ocorrem continuamente ao longo do curso em desenvolvimento de um turno, mas em pontos específicos no decorrer do seu desenvolvimento. Ou seja, possíveis lugares relevantes para a transição reaparecem em pontos específicos no curso de um turno (eis a importância da regra 2 no conjunto de regras). O estudo de ONDE tais ‘começos de turnos seguintes’ ocorrem em turnos correntes mostra que eles ocorrem em ‘pontos possíveis de finalização’. Esses vêm a ser ‘pontos possíveis de finalização’ de sentenças, cláusulas, sintagmas e construções de apenas uma palavra³³ e de múltiplos delas:

- (24) Penny: An’ the fact is I- is- I jus’ thought it was so kind of stupid.
 Janet: [I didn’t even say anything [when I came ho:me
 [Y- [Eh-
 (0.3)
 Janet: Well Estelle jus’ called ‘n ... [Trio: II]
- Penny: E o fato é que eu- achei que era tão tipo estúpido.
 [Eu nem disse nada [quando eu voltei para casa.
 Janet: [Vo- [E-
 Janet: Bem a Estelle acabou de ligar e ...
- (25) Tourist: Has the park chan:ged much,
 Parky: Oh:: ye:s,
 (1.0)
 Old man: Th’ Funfair changed it’n [ahful lot [didn’t it.
 Parky: [Th- [That-

- Parky: That changed it, [T. Labov:Battersea:B:1]
- Turista: O parque mudou muito,
Parky: Ah::, mu::dou,
(1.0)
- Homem idoso: Aqu- parque de diversões fez ele mudar horr[orres [não foi.
Parky: [A- [Aquele-
Parky: Foi isso que fez mudar,
- (26) Ken: I saw 'em last night [at uhm school.
Jim: [They're a riot [GTS:5:9]
- Ken: Eu vi eles ontem à noite [na ãhm na escola.
Jim: [Eles são ótimos.
- (27) Louise: I think it's really funny [to watch.
Roger: [Ohhh God! [GTS:1:mel:7]
- Louise: Eu acho que é muito engraçado [de assistir.
Roger: [Ahhh Deus!
- (28) A: Well we just wondered,
A: We just came in from Alexandria,
A: Just got home
A: and [these winds were so bad we'e getting scared=
B [Mm hm,
A: again heh
B No, [we doh-
A: [And we wondered whether we should go to
a motel or something.
B No, you stay right where you are ... [CDHQ:2:82]
- A: Bom, a gente só tava pensando,
A: Acabamos de chegar de Alexandria,
A: Acabamos de chegar em casa
A: E [tinha uns ventos tão ruins que ficamos assustados
B [Mm Hm
A: de novo heh
B Não, [nós na—
A: [A gente pensou se a gente devia ir para um

B motel ou algo do gênero.
Não, fiquem bem onde vocês estão.

Observe que, em 24-27, os começos do turno seguinte vêm nos primeiros possíveis lugares para a transição e nos próximos lugares de transição possíveis; em 28, A termina um número de unidades de construção de turno antes de B entrar, A retorna depois de uma primeira unidade lexical, e B retorna em uma primeira finalização possível de uma primeira unidade sentencial. Ver também o exemplo 33, abaixo.

Os materiais empíricos da conversa, então, levam à observação sobre o uso de tais componentes e à sua inclusão no modelo da tomada de turnos como os elementos a partir dos quais os turnos são construídos.

Obviamente, é também muito importante para a organização da tomada de turnos aquilo que de algum modo se entende como a 'produção do som' (i.e. fonologia, entonação etc.). Por exemplo, distinções entre *quê* (*what*) como uma pergunta de uma só palavra e como o começo de uma construção sentencial (ou clausal ou sintagmática) são feitas não através da sintaxe, mas da entonação. Quando é ademais percebido que qualquer palavra pode ser transformada em um tipo de unidade de 'uma só palavra'³⁴, por meio da entonação, então podemos apreciar o caráter parcial da descrição dos tipos de unidade em termos sintáticos.

Embora o próprio conjunto de regras pareça tratar como central apenas a característica de finalização projetável dos materiais lingüísticos da língua de interação do receptor, parece produtivo assumir que, sendo a conversa um principal, senão o principal, lócus de uso de uma língua, outros aspectos de estrutura da língua serão projetados para uso conversacional e, simultaneamente, para as contingências da tomada de turnos. A interação de estruturas da sintaxe e da tomada de turnos, entretanto, aguarda investigação séria, talvez ao longo de linhas como as que se seguem.

Observamos anteriormente que o sistema de tomada de turnos é um sistema para seqüências de turnos. Um turno deve ser considerado como um 'turno-em-uma-série', com o potencial de a série se transformar em uma seqüência. Os turnos exibem características organizacionais evidentes que refletem suas ocorrências em uma série. Eles geralmente têm uma estrutura de três partes: uma que aborda a relação de um turno com um anterior; uma envolvida com o que está ocupando o turno, e uma que aborda a relação de um turno com um posterior. Essas partes ocorrem regularmente nessa ordem, uma ordenação evidentemente racional para uma organização que encadeia um turno aos turnos em ambos os lados.

(29) A: It would be bum you out to kiss me then, [hunh
[Yeah
well we all know where that's at.
((pause))
A: [()
B: [I mean you went- you went through a- a long rap
on that one.=

→ A: =Yeah, so I say that would bum you out then, hunh
[TZ:21-23]

A: Iria chatear você me beijar então, [hein
B [É bem todos
nós sabemos onde isso vai parar.
(pausa)

A: [()

B [Quero dizer que você exa- você falou um- um monte
sobre essa aí. =

A: = É, então eu digo que chatearia você então, né

Aqui 'sim/é' ('yeah') é um associador formal ao último turno;
'hein/né' ('hunh') é uma pergunta-apêndice, projetando uma
ligação com o turno seguinte.

(30) D Judy loves olives.

J That's not bad.

→ D She eats them all the time. I understand they're
fattening, huh?

[Fat tape:1]

D Judy adora azeitona.

J Isso não é ruim.

D Ela come a toda hora. Pelo que eu sei que engorda,
não?

Aqui a primeira sentença se refere a um anterior pelo uso múltiplo
de um pró-termo, e uma pergunta-apêndice projeta uma ligação
com o turno seguinte.

(31) J But by the time you get out of the shower and get
your d- self

[ready,

M [Well I'm not ready. I haven't kept you waiting yet
though, have I?

→ J Michael, you will, I know you will

[Fat tape: 6]

J Até que você saia do banho e pegue o seu ()-
[fique pronto,

M [Bem, eu não tou pronto. Eu não tou fazendo você
esperar, tou?

J Michael, você vai, eu sei que você vai.

Aqui a primeira sentença se refere ao turno anterior, pelo menos por contraste, e a pergunta-apêndice se refere a um próximo.

Sistemática elementar para a organização da tomada de turnos para a conversa

- (32) B Maybelle's takin' this week off, and she- you know something, she looked kinda tired.
 → A: Uh huh. (2.0) Uhm well I guess she's been working pretty steadily, [hasn't she.
 B [Yeah, she's been workin pretty steady, and she's had some difficult cases.
 [Ladies:12:13]

- B Maybelle tá tirando essa semana de folga e ela, sabe de uma coisa, ela parecia um pouco cansada.
 A: Ahn hã (2.0). Ahn, eu acho que ela tem trabalhado bem direto, [não tem
 B [É, ela vem trabalhando bem direto e ela tem tido uns casos difíceis.

- (33) N Yah an'an' the fact you're you feel guilty about eating them that's what makes you break out, because it's- it's all inside you.
 H So people who've broken out they're just very emotional [people, huh,
 N [Heh, heh heh, and they're worried [about it. [heh heh heh
 heh heh heh
 → N I don't know. It sounds kinda crazy, bu:t
 H 'hh just a little.
 [HG:2-3]

- N É e o fato de você estar você se sentir culpado de comer é o que faz você ficar cheio de espinha/ ter a crise, porque tá- tá tudo dentro de você.
 H Então as pessoas tiveram as crises são apenas pessoas muito [sensíveis é?
 N [heh, heh, e elas se preocupam [com isso.
 H [heh heh heh heh heh heh

N Não sei. Isso parece meio loucura, ma:s
 H hh só um pouco.

O sistema de tomada de turnos, isso deve estar bem claro agora, exerce pressão para que essas partes do turno ou tarefas do turno, sistematicamente potenciais, se efetivem antes da primeira finalização possível, por exemplo, em uma única sentença:

(34) A: So it could happen to:: some people, ·hh But I: I wouldn' uh I wouldn': I wou- I say I wouldn't uh ((pause)) I don' know of anybody- that- 'cause anybody that I really didn't di:g I wouldn't have the ti:me uh: a:n: to waste I would say, unh if I didn' [()]
 → B [And you consider it wasting time to jist be- you know- to jist like talkin' an bein' with somebody.
 A: Yeah. If you haven't got nothin' goin' (you're) jist wastin' your time. ÿhh You could be doin' somethin' important to you. You know an=
 [TZ:57-59]

A: Então isso podia acontecer com:: algumas pessoas. ·hh Mas eu: eu não iria ã Não ria: eu iria- dizer eu não iria ã ((pausa)) não sei de ninguém- que-porque ninguém que eu realmente não conhecesse eu não teria o tem: po: ã e:: para desperdiçar eu diria, enh: se eu não [()]
 B [E você considera isso desperdício de tempo ficar apenas- sabe- só assim falar e estar com alguém.
 A: É. Se você não tem nada em andamento (você está) apenas perdendo seu tempo. hh Você poderia estar fazendo alguma coisa importante para você. Você sabe e-

Aqui B liga-se a um turno anterior através da conjunção e da referência cruzada e liga-se a um próximo construindo o turno como uma primeira parte de um par adjacente, confirmação–pedido/confirmação, obtendo uma confirmação em seguida.

(35) N So [what ti*me-
 H [Now what*
 → N Oh so we we get the tickets when we get there, [right?
 H [yeah
 yeah they're reserved seats.
 [HG:3]

- N Então [que ho*ras-
H [Agora o que-*
N Ah, então nós nós compramos as entradas quando chegamos lá, [certo?
H [isso, isso são assentos reservados.

Aqui o marcador de interrupção 'oh/ah' exibe uma relação com o turno anterior, e a pergunta-apêndice, com o próximo. Ver também o exemplo 33, segundo turno, que é semelhante ao 34.

Espera-se, então, que alguns aspectos da sintaxe de uma sentença sejam melhor entendidos por referência às tarefas que precisam ser feitas em um turno-em-uma-série, sendo os turnos um lugar fundamental para a ocorrência das sentenças.

4.14 Mecanismos de reparo existem para lidar com erros e violações da tomada de turnos

As várias organizações operantes na conversa são suscetíveis a erros, violações e problemas; e os mecanismos de reparo estão disponíveis para esses casos. Não podemos entrar aqui em uma discussão detalhada sobre reparo;³⁵ em vez disso, pretendemos mencionar três temas.

Primeiro, em meio à variedade de dispositivos de reparo estão aqueles direcionados a, e desenhados para, problemas de tomada de turnos. Nenhuma motivação teórica especial é necessária para se observar que perguntas tais como *Quem eu? (Who me?)*³⁶, o conhecimento e as práticas de etiqueta relacionadas à 'interrupção' e reclamações sobre ela, o uso de marcadores de interrupção, tais como *Com licença (Excuse me)* e outros, titubeios (false starts), repetições ou reciclagens de partes de um turno sobrepostas pelos outros – assim também como paradas prematuras (i.e., antes de finalização possível) dos envolvidos em falas simultâneas – são mecanismos de reparo dirigidos a problemas na organização e distribuição dos turnos de fala.

Segundo, pelo menos alguns dos mecanismos para reparo da tomada de turnos são intrínsecos ao próprio sistema cujos problemas eles reparam. Assim, o dispositivo básico para reparar 'mais de um por vez' envolve um procedimento que seria ele mesmo, de outro modo, violador em termos de tomada de turnos, a saber, parar um turno antes do seu possível ponto de finalização (por exemplo, ex. 23); ele envolve, então, uma transformação de uma característica central do sistema de tomada de turnos – o uso de unidades de construção de turno até a sua próxima finalização possível – e não algum mecanismo externo a ele. Nesse sentido, podemos observar também que há lugares no próprio conjunto de regras projetados para o reparo, em especial o ciclo de opções fornecido pelas regras 1b e 1c. O que anteriormente (§ 4.12, ponto (c)) chamamos de regras '1c-1a', uma continuação do falante corrente após a não ocorrência de transferência de turno em um lugar relevante para a transição – uma continuação que seleciona um falante seguinte para falar –

deve ser compreendida como reparo de uma falha na transferência de turno, cuja realização está diretamente incorporada na organização básica do sistema de tomada de turnos. Uma característica importante de uma organização racional para o comportamento que abrange interesses do mundo real, e que não é suscetível à imposição externa, é que ela incorpore recursos e procedimentos para reparo em sua organização fundamental.

Terceiro, o sistema de tomada de turnos limita reparos de outros tipos que não o de tomada de turnos. Por exemplo, reparos feitos por outro que não o falante corrente não são feitos até a finalização de um turno, respeitando-se a alocação de direitos do sistema de tomada de turnos para um turno mesmo onde o reparo é considerado necessário. Na verdade, a maioria dos reparos (por exemplo, a correção de uma palavra) é feita dentro do turno no qual ocorre o reparável. Mas quando o reparo ultrapassa os limites de um turno, como quando o outro-que-não-o-falante inicia um reparo no turno seguinte àquele no qual ocorreu o reparável, então a seqüência assim iniciada é organizada pelo mesmo sistema de tomada de turnos, e as seqüências de reparo exibem as mesmas características de tomada de turnos que estamos discutindo, inclusive a característica atualmente sob discussão: isto é, seqüências de reparo podem sofrer reparo.³⁷

A compatibilidade do modelo de tomada de turnos com os fatos do reparo é, portanto, de caráter dual: o sistema de tomada de turnos se presta a reparo dos seus problemas e incorpora mecanismos para tanto; e o sistema de tomada de turnos é um mecanismo organizacional básico para o reparo de quaisquer outros problemas na conversa. O sistema de tomada de turnos e a organização de reparo são, desse modo, 'feitos um para o outro' em um duplo sentido.

5 Que tipo de modelo é este

Até aqui, abordamos uma literatura diversificada na qual materiais relevantes para a organização de tomada de turnos na conversa são coletados, tratados ou analisados, embora não necessariamente em termos explícitos da tomada de turnos; propusemos um conjunto de características da conversa genericamente observáveis e das quais um modelo de tomada de turnos deve dar conta, caso deseje merecer consideração séria; propusemos um modelo de um sistema para a tomada de turnos na conversa ou pelo menos alguns componentes principais de tal modelo; e esboçamos como esse modelo dá conta dos fatos que propusemos como restrições. Esperamos que, no decorrer da discussão, tenhamos exposto algumas características e usos interessantes desse modelo. Certamente, o modelo proposto é, em alguns aspectos, incorreto ou insuficiente. Mas, por mais que esse modelo específico possa ser deficiente, acreditamos que nossas discussões apóiam a afirmação de que o modelo apropriado para a tomada de turnos na conversa será este TIPO de modelo. Na presente seção, tentamos caracterizar que 'tipo' é esse, citando algumas das suas mais importantes características com algumas elaborações. Essas características são de que ele é um SISTEMA DE GERENCIAMENTO LOCAL e que é um SISTEMA GERIDO INTERACIONALMENTE. Após caracterizar o tipo de sistema de que estamos

tratando, ofereceremos uma formulação do tipo de problema que ele parece projetado para resolver.

Ao caracterizar o sistema de tomada de turnos com o qual viemos lidando como um 'sistema de gerenciamento local', observamos as seguintes características evidentes do conjunto de regras e dos componentes:

- (1) O sistema lida com uma única transição de cada vez e, assim, com apenas os dois turnos que uma única transição une; isto é, ele aloca apenas um único turno por vez.
- (2) O turno único que ele aloca em cada ocasião de sua operação é o turno seguinte.
- (3) Embora o sistema lide com apenas uma única transição por vez, ele lida com as transições:
 - (a) Abrangentemente – isto é, ele lida com quaisquer das possibilidades de transição cujo uso ele organiza;
 - (b) Exclusivamente – isto é, nenhum outro sistema pode organizar transições independente do sistema de tomada de turnos³⁸; e
 - (c) Serialmente, na ordem em que elas aparecem – através do seu relacionamento com o turno seguinte.

Essas características por si só incitam uma caracterização do sistema do qual elas fazem parte como um sistema de gerenciamento local, no sentido de que todas as operações são 'locais', isto é, direcionadas para o 'turno seguinte' e para a 'transição seguinte' numa sistemática de turno a turno. Deve ser observado que tudo isso que dissemos constitui o gerenciamento local apenas com relação à ordenação dos turnos: o sistema é, contudo, gerenciado localmente em relação ao tamanho dos turnos também. Não apenas a alocação de turnos é realizada em cada turno para um turno seguinte, mas a determinação do tamanho do turno é efetivada localmente, isto é, no curso de desenvolvimento de cada turno, sob limitações impostas por um turno seguinte e por uma orientação para um turno seguinte no turno corrente. Nossa discussão anterior chamou atenção para uma série de características na conversa que não são fixas, mas variam; contudo, as duas às quais o sistema se refere direta e explicitamente em sua maquinaria são o tamanho e a ordem dos turnos. Portanto, o sistema de tomada de turnos é um sistema de gerenciamento local, no sentido de que ele opera de tal maneira a permitir que o tamanho e a ordem dos turnos variem e estejam sob o gerenciamento local, mantendo-se assim ao longo de variações em outros parâmetros, e ainda assim alcançando tanto o objetivo de todos os sistemas de tomada de turnos – a organização de 'n de cada vez' – e o objetivo de todas as organizações de tomada de turnos para sistemas de troca de fala – 'um de cada vez enquanto a troca de falante se repete' (cf. Miller 1963:418).

O sistema de tomada de turnos sob exame pode ainda ser caracterizado pelo tipo de sistema de gerenciamento local que ele é. Os próprios caráter e organização das regras que o constituem como um sistema de gerenciamento local determinam sua organização mais particular, não apenas permitindo e/ou exigindo o tamanho e a ordenação dos turnos variem, mas sujeitando a sua variabilidade ao controle das partes envolvidas em qualquer conversa. Ele é, por isso, dentre os sistemas de gerenciamento local, um sistema 'administrado pelas

partes'. Além disso, ele torna interdependentes tamanho e ordenação dos turnos, entrelaçando os mecanismos das suas respectivas determinações – os mecanismos de alocação de turno têm conseqüências para o tamanho dos turnos, e os procedimentos para regular ou determinar o tamanho dos turnos empregam técnicas de alocação de turnos (como no uso de perguntas-apêndice para as saídas de turnos e, conseqüentemente, dispositivos de suspensão do andamento do turno). O sistema, então, integra a maquinaria para a organização do tamanho dos turnos e da ordenação dos turnos e sujeita essa maquinaria à administração das partes envolvidas em qualquer conversa. O mecanismo pelo qual o sistema se presta para administração pelas partes, pelo qual determinações do tamanho dos turnos e da ordenação dos turnos são integradas, e pelo qual o sistema obtém generalidade de aplicação para qualquer transição de turno vem a ser o ciclo de opções fornecido pelo conjunto ordenado de regras. Esse conjunto de regras fornece opções para 'falantes' e 'falantes seguintes em potencial', colocando-se, com isso, à disposição de participantes; ele interconecta a 'parada do falante corrente' e 'início do falante seguinte', conectando, assim, tamanho de turno com ordenação de turnos; e isso é formulado abstratamente, para não excluir qualquer local de transição do seu escopo.

Características adicionais do sistema, reunidas sob a rubrica 'gerido interacionalmente', tratam do modo como o sistema de tomada de turnos, em sua forma gerenciada localmente, administrada pelos participantes, se molda à interação conversacional e é uma adaptação específica da tomada de turnos para ela.

A administração pelas partes envolvidas em uma atividade não precisa ser interativa. Porém, no sistema de tomada de turnos da conversa, ela é. O gerenciamento local com a administração pelas partes da ordenação dos turnos é efetivado através do conjunto de regras, cuja propriedade ordenada fornece um ciclo de opções em que qualquer contribuição da parte das partes para a determinação da ordenação dos turnos depende das contribuições das outras partes e é orientada para essas contribuições. A base dessa dependência é dada pelos modos como a operação de qualquer das opções fornecidas pelas regras é dependente do não-exercício das opções de ordem superior, e é limitada pela operação prospectiva de opções de ordem inferior (um ponto discutido no § 3.4).

O tamanho dos turnos é produto não apenas do gerenciamento local administrado pelas partes, mas também da produção interacional. Isso envolve o tipo de unidade de turno usada pelo sistema de tomada de turnos, uma faceta que pode ser usada aqui para explicar um pouco mais a que nos referimos ao caracterizar o sistema como 'gerido interacionalmente'. A unidade de turno é de um tipo que: (a) emprega uma especificação de tamanhos mínimos, mas (b) prevê a expansão dentro de uma unidade, (c) pode ser suspensa (embora não em qualquer ponto), e (d) tem lugares de transição ocorrendo em lugares específicos dentro dela, (e) que podem eles mesmos serem expandidos ou contraídos; todas essas características, exceto a primeira, são locais de determinação interacional. Devido a esse caráter, é um erro de concepção tratar os turnos como unidades caracterizadas por uma divisão de trabalho na qual o falante determina a unidade e suas fronteiras, com as outras partes tendo como tarefa apenas o seu reconhecimento. Ao contrário, o turno é uma unidade

cuja constituição e fronteiras envolvem uma distribuição de tarefas tal como já observamos: que um falante pode falar de tal maneira que permita que uma projeção de possível finalização seja feita a partir da sua fala, desde o seu início, abrindo oportunidade para que outros usem os lugares de transição para começar a falar, para abrir mão da oportunidade para falar, para influenciarem as direções da fala etc.; e que o seu ato de começar a falar, se bem colocado, pode determinar onde ele deve parar de falar. Isto é, o turno, como unidade, é determinado interativamente.³⁹

Para os participantes de conversas, os fatos de o tamanho dos turnos e a ordenação dos turnos serem gerenciados localmente, administrados pelas partes e geridos interacionalmente significam que essas facetas da conversa, e aquelas que derivam delas, podem ser reunidas sob a jurisdição daquele que talvez seja o princípio mais geral que particulariza as interações conversacionais, o de 'AJUSTE AO INTERLOCUTOR'⁴⁰. Por 'ajuste ao interlocutor' referimo-nos a uma enorme quantidade de aspectos nos quais a fala de uma das partes em uma conversa é constituída ou projetada de modos que exibem uma orientação e sensibilidade ao(s) outro(s) específico(s) que é/são co-participante(s). Em nosso trabalho, percebemos que o ajuste ao interlocutor opera em relação à seleção de palavras, à seleção de tópico, à aceitabilidade e à ordenação de seqüências, a opções e obrigações para iniciar e finalizar conversas, etc., conforme será apresentado em futuras publicações⁴¹. O ajuste ao interlocutor é um dos principais fundamentos para aquela variabilidade de conversas reais que se busca explicar sucintamente pela noção de 'sensível ao contexto'. Ao nos referirmos à operação de particularização efetuada pelo ajuste ao interlocutor sobre o tamanho dos turnos e sobre a ordenação dos turnos, estamos apontando que as partes têm meios para individualizar de alguma maneira 'esta conversa'; a colaboração de cada um na alocação dos turnos e na construção dos turnos atinge uma ordenação específica de turnos de tamanho específico e de características de transição de turno características desta conversa específica em um ponto específico de seu andamento⁴². Ao desenvolver uma maquinaria através da qual a organização dos turnos está sujeita a ajuste ao interlocutor de modo viável, a tomada de turnos, na sua concepção abstrata, está adaptada especificamente para a conversa.

6 Algumas conseqüências do modelo

Nesta seção, pretendemos expor brevemente algumas conseqüências do tipo de organização que descrevemos. Consideraremos apenas os tipos de conseqüências de 'interesse geral'.

6.1 Uma motivação intrínseca pode ser identificada em relação à escuta

Nas suas técnicas de alocação de turno, o sistema de tomada de turnos para a conversa traz embutida uma motivação intrínseca para a escuta de todas as elocuições numa conversa, independente de outras possíveis motivações, tais como interesse e polidez. Na variedade de técnicas para se chegar a um falante seguinte, e no caráter ordenado dessas técnicas, o

sistema obriga qualquer falante disposto a falar, ou que possa vir a pretender falar, a escutar e analisar cada elocução ao longo de sua emissão. Dessa maneira um participante, com a intenção de ser o seguinte a falar se for selecionado para fazê-lo, precisará escutar cada elocução e analisá-la para, no mínimo, descobrir se ela o selecionará ou não como falante seguinte. E qualquer falante que possa vir a pretender tomar o turno deverá escutar qualquer elocução após a qual ele deseja falar para descobrir, no mínimo, que nenhum outro foi selecionado como falante seguinte. Em qualquer uma dessas circunstâncias, um falante seguinte disposto a tomar o turno ou que possa vir a querer tomar o turno deverá escutar a elocução em curso até o fim, para efetuar a transferência de turno de maneira adequada e, talvez, a fim de garantir o turno. Em função do mecanismo para a seleção do 'último como próximo', um falante corrente também será suscetível a essa motivação na finalização de seu turno. Ao maximizar o conjunto de próximos falantes em potencial para qualquer turno seguinte (cf. § 4.9), o sistema traduz uma disposição para falar ou o desejo potencial de falar em uma obrigação corolária de escutar.

6.2 A organização da tomada de turnos controla, pelo menos parcialmente, a compreensão das elocuções

Há uma variedade de possíveis propostas relacionadas à questão de como a fala é compreendida. A investigação da tomada de turnos contribui para esse problema de diversas maneiras. Assim, a base fornecida pelo sistema de tomada de turnos para a escuta, recentemente examinada, pode ser ampliada no que diz respeito ao que se segue. Um participante potencialmente disposto a falar, se selecionado para fazê-lo, precisará escutar qualquer elocução, a fim de descobrir se está sendo selecionado por ela para ser o próximo a falar. Visto que uma classe das mais importantes entre as técnicas do tipo 'falante corrente seleciona o próximo' é constituída por 'primeiras partes de par' – isto é, por elocuções caracterizadas por tipo, tais como 'saudação', 'pergunta', 'insulto', 'reclamação', etc. –, alguém disposto a falar precisará analisar as elocuções para descobrir se uma ocorrência de um tal tipo de elocução está sendo empregada, e se está sendo empregada de tal forma que possivelmente o selecione como falante seguinte. E um falante que possa vir a pretender tomar o turno precisará examinar qualquer elocução após a qual ele deseja falar a fim de descobrir se isso está sendo feito para ele ou para alguma outra parte envolvida na conversa.

6.3 O sistema de tomada de turnos possui, como sub-produto de seu modelo, um procedimento de prova para a análise de turnos

Quando A dirige a B uma primeira parte de par tal como uma 'pergunta' ou uma 'reclamação', conforme já observamos, A seleciona B como falante seguinte e seleciona que B execute em seguida uma segunda parte para o 'par adjacente' iniciado por A, isto é, uma 'resposta' ou uma 'desculpa' (entre outras possibilidades), respectivamente. B, ao fazê-lo, não só executa aquele tipo de

elocução, mas, com isso, exhibe (em primeiro lugar para seus co-participantes) sua compreensão da fala do turno anterior como uma primeira parte, como uma 'pergunta' ou uma 'reclamação'.

Encontra-se aqui um recurso metodológico central para a investigação da conversa (em contraste com a investigação de materiais literários e de outros materiais 'textuais'), um recurso fornecido pelo caráter absolutamente interacional da conversa. Vem a ser uma consequência sistemática da organização da tomada de turnos da conversa o fato de ela obrigar seus participantes a exibirem uns aos outros, na fala de um turno, sua compreensão da fala dos outros turnos. Mais genericamente, uma fala de um turno será ouvida como dirigida à fala de um turno anterior, a menos que técnicas especiais sejam utilizadas para localizar alguma outra fala para a qual ela esteja direcionada. Regularmente, então, a fala de um turno irá exhibir a compreensão que o falante teve da fala de um turno anterior, e de qualquer outra fala a que a fala daquele turno identifique como tendo sido direcionada (cf. Moerman & Sacks, MS).

Em primeiro lugar, é claro, tais compreensões são exibidas aos co-participantes e são uma base importante para o mecanismo de autocorreção local da conversa. Claramente, elas também fornecem uma outra base importante para a tendência 'último como seguinte' na ordenação dos turnos, com o falante anterior sendo motivado a se auto-selecionar como falante seguinte se achar inaceitável a compreensão de sua elocução anterior demonstrada pelo falante corrente no turno em curso.

Porém, ao mesmo tempo em que compreensões da fala de outros turnos são demonstradas aos co-participantes, elas estão também disponíveis para os analistas profissionais, a quem, desse modo, é oferecido um critério de prova (e um procedimento de busca) para a análise de o que ocupa uma fala de turno. Uma vez que as compreensões da fala de turnos anteriores pelas partes é que são relevantes para sua construção de turnos seguintes, são justamente ESSAS compreensões que se quer para a análise. A demonstração de tais compreensões na fala dos turnos subseqüentes proporciona tanto um recurso para a análise de turnos anteriores, quanto um procedimento de prova para a análise profissional de turnos anteriores – recursos intrínsecos aos próprios dados.

7 O lugar da conversa entre os sistemas de troca de fala

O uso de um sistema de troca de turnos para preservar uma parte falando de cada vez enquanto a mudança de falante vai se repetindo, para interações nas quais a fala é organizacionalmente envolvida, não é de maneira alguma algo exclusivo da conversa. Isso está preponderantemente presente em cerimônias, debates, reuniões, coletivas de imprensa, seminários, sessões de terapia, entrevistas, julgamentos, etc. Todos esses sistemas diferem da conversa (e de cada um entre si) em uma série de outros parâmetros de tomada de turnos, e na organização através da qual eles alcançam o conjunto de valores

paramétricos cuja presença eles organizam⁴³.

Esse tipo de investigação comparativa dos sistemas de troca de fala disponíveis para membros de uma dada sociedade, concebida em termos de sistemas de tomada de turnos diferentes, foi pouco examinado por nós até aqui. Entretanto, algumas adaptações notáveis podem ser observadas, nem que seja para sugerir o possível interesse dessa área.

Conforme tem sido observado, parece ser correto afirmar que geralmente as técnicas de alocação para a conversa possibilitam a alocação de um turno por vez. Mas alternativas para tal modo de operação são fáceis de encontrar. Assim, em debates, a ordenação de todos os turnos é pré-alocada, pela fórmula, com referência a posições 'pró' e 'contra'. Diferentemente de debates e de conversas, as reuniões com a presença de alguém a presidi-las pré-alocam parcialmente os turnos e possibilitam a alocação de turnos que não tenham sido alocados mediante o uso dos turnos pré-alocados. Dessa forma, quem as preside têm direito de falar primeiro e de falar após cada falante, e podem utilizar tal turno para alocar a próxima vez de falar.

O que foi dito anteriormente é suficiente para sugerir uma possibilidade estrutural: os sistemas de tomada de turnos, ou pelo menos o conjunto deles em que cada qual dos integrantes preserva a premissa de 'fala um de cada vez', são, com relação às suas combinações de alocação, dispostos linearmente. A disposição linear se dá de modo tal que o tipo em um dos pólos (exemplificado pela conversa) envolve a alocação de 'um turno de cada vez', isto é o uso de meios locais de alocação; o outro pólo (exemplificado pelo debate) envolve a pré-alocação de todos os turnos; e tipos médios (exemplificados pelas reuniões) envolvem misturas diversas de meios com pré-alocação e com alocação local.

O fato de poderem ser dispostos dessa maneira permite aos tipos serem comparados, diretamente, em termos funcionais relevantes. Dessa forma, um pólo (alocação local de turnos) permite a maximização do tamanho do conjunto de falantes potenciais para cada turno seguinte, mas não é organizacionalmente projetado para permitir metodicamente que se alcance uma igualdade de turnos entre falantes potenciais; ao passo que o outro pólo (pré-alocação de todos os turnos) é projetado para permitir a igualdade de turnos (ou pode ser assim – ele pode ser projetado para outros fins), o que ele faz ao especificar quem será o falante seguinte, minimizando, assim, o tamanho do conjunto de falantes seguintes em potencial. Se a gama de sistemas de tomada de turnos for disposta em um contínuo, variando de pré-alocação completa de turnos a uma única alocação por vez, então se pode encontrar nesse contínuo um sistema qualquer que maximize, minimize ou cuja organização não seja relevante para uma variedade de funções, tais como igualdade de turnos entre os participantes, maximização de próximos falantes em potencial, etc. Pode-se explorar, então, as funções para as quais o desenho de um sistema são relevantes; e os vários sistemas podem ser comparados com respeito às suas conseqüências em cada uma dada função de interesse. Nas duas funções que mencionamos, igualdade de turnos e maximização do conjunto de candidatos a próximos falantes, alocação local e pré-alocação completa são tipos em pólos opostos – como de

fato elas podem vir a ser para qualquer função em que a alocação de turno seja sistematicamente relevante.

Dada essa disposição linear, a posição da conversa em um dos pólos e as funções que essa posição permite maximizar, uma caracterização da organização da tomada de turnos na conversa assume um interesse mais do que simplesmente etnográfico. Ocupando tal posição estrutural funcionalmente interessante, a conversa é, no mínimo, uma representante dos meios pelos quais uma das possibilidades polares é organizacionalmente realizada.

Todas as posições na disposição linear utilizam turnos e preservam característica 'fala um de cada vez'. Ainda que cada posição especifique isso de modo diferente, e ainda que a nossa caracterização sistemática diga respeito à conversa somente, mais uma generalização – e o caráter ordenado da diferença que leva à observação – pode ser mencionada. Para todas as posições da disposição linear, os 'turnos' são pelo menos parcialmente organizados por formatos de construção específicos de cada língua, por exemplo, as construções sintáticas (das quais a construção sentencial é um dos exemplos mais importantes e familiares, mas não o único). O tamanho dos turnos pode ser caracterizável por dois diferentes aspectos da organização sentencial: (a) multiplicação das unidades frasais em um turno, e (b) crescente complexidade da construção sintática dentro de unidades de uma única sentença. Duas observações podem ser feitas sobre o tamanho dos turnos e a sua relação com a posição na disposição linear. Primeira, o tamanho dos turnos aumenta com o aumento dos graus de pré-alocação na disposição linear. Segunda, a métrica empregada para dimensionar e para aumentar construcionalmente o tamanho dos turnos pode mudar com a posição na disposição: a multiplicação de unidades frasais é o modo central para o pólo de pré-alocação, e o aumento da complexidade interna em unidades de uma única sentença (ou minimizadas) é o modo central para os sistemas de alocação local. Essas duas observações podem ser consideradas produtos naturais do desenho dos sistemas de tomada de turnos nos diversos pontos da disposição.

Ainda que tenhamos nos referido à conversa como 'um dos pólos extremos' na disposição linear, e à 'cerimônia' como sendo possivelmente o outro pólo, não devemos ser entendidos como se estivéssemos propondo o *status* independente ou igual da conversa e da cerimônia como tipos polares. Parece provável que a conversa deva ser considerada a forma básica de sistema de troca de fala, com outros sistemas na disposição representando uma gama de transformações do sistema de tomada de turnos da conversa, para se alcançar outros tipos de sistemas de tomada de turnos. À luz disso, o debate ou a cerimônia não seriam um tipo polar independente, mas, em vez disso, a transformação mais extrema da conversa – mais extrema, ao fixar completamente o mais importante (e talvez quase todos) dos parâmetros que a conversa permite que varie.

Apêndice: Convenções utilizadas nas transcrições

SEQÜENCIACÃO. A transcrição de aspectos seqüenciais é realizada com cuidado especial, utilizando as seguintes convenções:

As barras duplas (//) indicam o ponto em que a fala de um falante

corrente é sobreposta pela fala de outro:

V: Th' guy says tuh me- -hh my son // didid.
M: Wuhjeh do:.

V: O cara diz pra mim- -hh meu filho // fez isso.
M: O que você faz:.

Uma elocução com múltiplas sobreposições é seguida, em ordem serial, pela fala que a ela se sobrepõe. Dessa forma, o 'Vi:c' de C ocorre simultaneamente ao 'left' de V, e o 'Victuh' dela ocorre simultaneamente com 'hallway':

V: I // left my garbage pail in iz // hallway.
C: Vi:c,
C: Victuh,

V: Eu// deixei meu balde de lixo no seu // corredor.
C: Vi:c,
C: Vitor,

Um sistema alternativo é colocar um colchete simples no ponto da sobreposição, e colocar a fala em sobreposição diretamente abaixo da fala que a que ela se sobrepõe:

V: Th' guy says tuh me- -hh my son [didid.
M: [Wuhjeh do:.

V: O cara diz pra mim- -hh meu filho [fez isso.
M: [O que você faz:.

Diante de duas elocuições transcritas serialmente, o colchete indica que elas se iniciaram simultaneamente:

M: [I mean no no n'no.
V: [P't it back up,
M: [Quero dizer não não e não.
V: [Põe isso de volta,

sobrepostas ou que se iniciaram simultaneamente terminam, se elas terminam simultaneamente, ou o ponto em que uma delas termina durante o curso da outra, ou o ponto em que o componente de uma elocução termina em relação à outra. Em alguns dados citados neste trabalho, um asterisco é utilizado para isso:

- Mt [I mean no no n'no.]
V [P'it back up,]
Mt Jim // wasn't home] uh what.
V Y'kno:w?]
Mt Jim // wasn' home* uh what.
V Y'kno:w?*
- Mt [Quero dizer não não e não.]
V [Põe isso de volta,]
Mt Jim// não estava em casa] ah o que.
V Você sab:e?]
Mt Jim // não estava em casa* ah o que.
V você sab:e?*

Em geral, o sinal de igual (=) indica 'engatamento' – isto é, nenhum intervalo entre o fim de uma fala anterior e o início de um próximo pedaço de fala. É utilizado na relação da fala de um falante seguinte com a fala de um falante anterior, na relação de duas partes da fala do mesmo falante e como uma conveniência de transcrição para controle de longas elocuições que são sobrepostas em vários pontos, nesse caso uma elocução assim produzida pode ser mais ou menos arbitrariamente interrompida:

- R Wuhjeh do:. =
V = I said did, he, get, hurt.
V My wife // caught d'ki:d, =
R Yeh.
V = lightin' a fiyuh in Perry's celluh.
V Well my son did it=I'm gladjer son didn' get hu: rt, ·hh I said but ...
- R O que você faz:. =
V = Eu disse ele, se, machucou.
V Minha mulher // pegou a crianç:a, =
R É
V = acendendo uma fogueira no porão do Perry.
V Bem meu filho fez isso=Estou contente que seu filho não tenha se machucado, ·hh eu disse mas...

Um sinal de igual no final da elocução de um falante, seguido pelo

sinal de igual combinado com um colchete à esquerda indica que os falantes entre colchetes iniciaram simultaneamente, sem intervalo após a fala precedente. Isso pode ocorrer com um falante seguido de dois outros, ou com um falante 'contínuo' e um outro:

‡ The son of a bitch gottiz // neck cut off. Dass wuhd 'e should of did, =
V: Wuh-
V: =[I'm not intuh this.
‡ =[if he- if he's the one thet broke it,

‡ O filho da mãe ficou // degolado. Issé que ele devia ter feito,=
V: O q-
V: =[Não tou nessa.
‡ =[se ele- se foi ele quem quebrou,

Um sistema alternativo é colocar as barras duplas no decorrer do que é considerada uma única elocução em curso do primeiro falante:

‡ ... Dass wuhd 'e should of did, // if he- if he's the one thet broke it,
V: I'm not intuh this.

‡ ... Issé que ele devia ter feito, // se ele- se foi ele quem quebrou,
V: Não tou nessa.

Um colchete à direita mais um sinal de igual indica que duas elocuições terminaram simultaneamente e serão 'engatadas' por uma próxima. Nesse caso, as duas anteriores são engatadas pelas próximas que iniciam simultaneamente:

V: Ya:h, well I woulda picked it up.
M: [I mean no no n'no.]=
V: [P't it back up,]=
M: =[Ih doesn' make any-]=
V: =[It doesn' mattuh,]=
M: If it breaks]
V: So dih gu:y] says •hh

V: É:, bem eu teria pego isso.
M: [Quero dizer não não e não.]=
V: [Põe isso de volta,]=
M: =[não faz nenhum-]=
V: =[Não tem problema,]=
M: Se isso quebrar]
V: Então o car:a] diz hh

Os números entre parênteses indicam tempo transcorrido em décimos de segundos. O dispositivo é usado entre elocuições de falantes adjacentes, entre duas partes separáveis da fala de um único falante e entre partes internamente organizadas da elocução de um único falante:

- V: ... dih soopuh ul clean it up,
(0.3)
(): hhehh
V: No kidding.
M: Yeh there's nothin the:re?
(0.5)
M: Quit hassling.
V: She's with somebody y' know 'hh ennuh, (0.7) she says Wo : w ...
- V: ... o zelador vai limpar,
(0.3)
(): hhehh
V: Não brinque.
M: É não tem nada l:á?
(0.5)
M: Pare de contrariar.
V: Ela tá com alguém que você conhece-'hh eã (0.7) ela diz Ua:u ...

O travessão, raramente usado neste artigo, indica uma pausa não cronometrada, por exemplo, uma 'batida rítmica':

- V: I'm intuh my thing, intuh my:: —attitude against othuh pih- 'hh.
V: Eu tô com a minha coisa, na minha:: —atitude contra outro pe- 'hh.

A PRODUÇÃO SONORA não é nem consciente nem consistentemente objeto de atenção nos dados presentes, mas os seguintes símbolos especiais são utilizados:

Sinais de pontuação não são usados como símbolos gramaticais, mas para entonação. Assim, uma pergunta pode ser construída com 'vírgula' ou 'ponto final', e entonação de 'pergunta' pode ocorrer em associação com não-perguntas:

- V: Becuss the soopuh dint pudda bu:lb on dih sekkin flaw en its burnt ou::t?
V: A do:g? enna cat is different.
R: Wuhjeh do:.

- V: Porque o zelador não colocou a lâmpa:da no segundo andar e ela queimou::?
V: Um cacho:rrro? e um gato é diferente.
R: O que você faz:.

Dois pontos indicam que a sílaba anterior é prolongada. Múltiplos dois pontos indicam uma sílaba mais prolongada, como no segundo exemplo, em que o 'Wow' de V abriga cinco sílabas na sobreposição da elocução de M:

- V: So dih gu:y sez ?hh
M: Yeh it's all in the chair all th//at junk is in the chair.]=
V: Wo:.....w]=
V: =I didn' know tha:t?

V: Então o ca:ra disse ?hh
M: É tá tudo na cadeira toda aque//la tralha tá na cadeira.]=
V: Ua:.....u]=
V: =Eu não sabia di:sso?

O sublinhado indica várias formas de ênfase e pode envolver altura do tom e/ou volume:

- V: I sez y' know why, becauwss look.
V: Eu digo que você sabe por que, porque olha.

A relação entre marcadores de ênfase e de prolongamento indica uma mudança na altura do tom (ou não-mudança) no curso de uma palavra. Na primeira sentença, com a ênfase marcada apenas na primeira letra, não há variação de altura do tom. Na segunda sentença, a altura do tom cai no final de 'ha:rd'; na terceira, ela aumenta no final de 'ha:rd?'

- V: 'M not saying he works ha:rd.
V: I don't work ha:rd.
H: Does he work ha:rd?

V: Não tô dizendo que ele trabalha du:ro.
V: Eu não trabalho du:ro.
H: Ele trabalha du:ro?

O hífen indica um 'corte' da palavra ou do som anterior:

- V: He said- yihknow, I get- I get sick behind it.
V: Ele disse- você sabe, eu fico- eu fico doente depois disso.

O *h* entre parênteses, dentro de uma palavra ou de um som, indica uma aspiração explosiva, por exemplo em risos ou falta de ar, etc.:

Mt I'd a' cracked up 'f duh friggin (gla- i(h)f y' kno(h)w it) sm(h)a(h) heh heh

Mt Eu ia ter caído na gargalhada se o porra do (ca- s(h)e sa(h)be) heh heh

O *h* sem parênteses indica respiração audível. Um ponto à meia altura antes dele indica uma inspiração; a ausência do ponto indica expiração:

Vf So I sez, ·hh wa:! whuddiyu goin do

Vf Então eu digo, ·hh wa:! o que você vai fazer

O sinal de grau (◌) indica que a fala que ele precede é baixa em volume:

Mt Jim wasn' home, //°(when y' wen over there)

Mt Jim não tava em casa, //°(quando você foi lá)

Caixa alta indica aumento de volume:

Vf En it dint fall OUT!

Vf E isso não ACONTECEU!

GUIAS DO LEITOR: As seguintes convenções adicionais devem ser observadas:

Pares de parênteses únicos indicam que quem transcreveu não tinha certeza das palavras que eles encerram:

Mt I'd a' cracked up 'f duh friggin (gla- i(h)f y' kno(h)w it) sm(h)a(h) heh heh

Mt Jim wasn' home, //°(when y' wen over there)

Mt Eu ia ter caído na gargalhada se o porra do (ca- s(h)e sa(h)be) heh heh

Mt Jim não tava em casa, //°(quando você foi lá)

VEREDAS - Rev. Est. Ling, Juiz de Fora, v.7, n.1 e n.2, p.9-73, jan./dez. 2003

Pares de parênteses em combinação indicam não somente duas possíveis escutas, mas se dirigem à equívocidade de cada uma:

- V: I'll be (right witchu.)
(back inna minnit.)
- V: Eu vou estar (logo com você.)
(de volta em um minuto.)

Parênteses vazios indicam que não nenhuma 'escuta' foi possível:

- (): Tch! ()
- (): Tch! ()

Ocasionalmente, sílabas sem sentido são fornecidas, em esforço para se capturar algo dos sons produzidos:

- R (Y' cattuh moo?)
- R (Cê qué tamu?)

A coluna de designação do falante é tratada de maneira semelhante: parênteses únicos indicam dúvida sobre o falante, pares indicam possibilidades igualmente possíveis, e vazios indicam que não se alcançou identificação do falante.

Dados entre parênteses duplos indicam outras características dos dados em áudio que não a verbalização em si, ou indicam verbalizações que não são transcritas:

- M ((whispered)) (Now they're gonna hack it.)
- M ((RAZZBERRY))
- M ((cough))
- V: ((dumb-slob voice)) Well we usetuh do dis, en we use
- ‡ They're fulla sh::it.
- M ((sussurrado)) (Agora eles vão rachar com isso.)
- M ((GRACEJO DE DEBOCHE FEITO COM SÍLABAS PRODUZIDAS COM A PONTA DA LÍNGUA PARA FORA DA BOCA))
- M ((tosse))
- V: ((dumb-slob voice)) Bom, a gente fazia essas coisas e a gente cos-
- ‡ Essa gente é cheia de papo furado.

Finalmente, deve ser observado que os excertos de dados citados neste trabalho são ilustrativos. Eles representam grandes coleções de dados dos nossos diversos pontos, agrupados a partir de um número substancial de conversas. Os dados não podem ser apresentados mais extensivamente por limitações de espaço, mas todos os dados deste trabalho podem ser examinados para outras finalidades, diferentes daquelas que serviram aos propósitos inicialmente citados, e em muitos casos selecionamos tais excertos para ilustrar um certo ponto porque o dado poderia ilustrar outros pontos do trabalho independentemente (as setas indicam a localização do fenômeno para o qual o excerto do dado é apresentado). Semelhantemente, todos os dados em todos os nossos demais trabalhos podem ser examinados para a verificação de sua relação com os pontos aqui defendidos. E quaisquer outros materiais de conversa natural (transcritos em um nível apropriado de detalhe e precisão) coletados por outros também podem ser examinados. Tudo isso, é claro, será apropriado se, de fato, o que é proposto neste trabalho puder ser aplicado para ‘qualquer conversa’.

Alguns lingüistas fizeram algumas objeções ao nosso uso da ortografia modificada do inglês – ao invés, digamos, de símbolos do Alfabeto Fonético Internacional. O resultado, dizem, parece um tipo de inglês de história em quadrinhos e poderia ter conotações pejorativas. Nossa resposta é que simplesmente tentamos captar o máximo possível do som de fato em nossas transcrições, ao mesmo tempo em que ainda as tornamos ainda acessíveis a leitores lingüisticamente não-sofisticados; certamente não temos a intenção de desrespeitar nenhuma das partes citadas.

Notas

* Universidade da Califórnia em Irvine

* Universidade da Califórnia em Los Angeles

*** Universidade da Pensilvânia

**** Uma versão anterior deste trabalho foi apresentada na Conferência de Sociologia da Linguagem e Teoria dos Atos de Fala, Bielefeld, Alemanha, Abril de 1973.

¹ Por exemplo, Goffman 1955, 1964, 1971; Albert 1964; Kendon 1967; Yngve 1970; Duncan 1972 a, b, 1973. Segundo Goffman (1964:135-6/2002:18-9):

Jogos de cartas, casais em um baile, equipes cirúrgicas durante uma operação e brigas de soco servem como exemplos de encontros; todos ilustram a organização social de uma orientação corrente compartilhada e todos envolvem um entrelace organizado de atos de algum tipo. Quero sugerir que, quando a fala ocorre, ela ocorre dentro desse tipo de arranjo social. É claro que o que é organizado aí dentro não são jogadas ou passos ou procedimentos ou investidas, mas turnos de fala. Note-se, então, que, no lar natural da fala, a própria fala não está sempre presente.

Estou sugerindo que o ato de falar deve sempre ser remetido ao estado de conversa que é sustentado através do turno de fala em particular e que esse estado de conversa envolve um círculo de outros indivíduos ratificados como co-participantes. (Fenômenos semelhantes ao falar consigo próprio ou com receptores não-ratificados, como no caso de comunicação em conluio, ou fenômenos semelhantes à fala ao telefone, devem primeiramente ser vistos como desvio da norma; caso contrário, sua estrutura e significância irão se perder.) A fala é socialmente organizada, não apenas em termos de quem fala para quem em que língua, mas também como um pequeno sistema de ações face a face que são mutuamente ratificadas e ritualmente governadas, em suma, um encontro social. Uma vez que um estado de conversa tenha sido ratificado, é preciso haver pistas à disposição para requisitar a palavra e cedê-la, para informar o falante quanto à estabilidade do foco de

atenção que está recebendo. Uma colaboração íntima deve ser mantida para assegurar que um turno de fala nem se sobreponha ao anterior em demasia, nem careça de um acréscimo conversacional supérfluo, já que o turno de alguém deve estar sempre e exclusivamente em andamento.

2 Ex. Stephan & Mishler 1952; Bales 1950, 1970; Coleman 1960.
3 Cf. Bales 1950.
4 Cf. Jaffe & Feldstein 1970, Matarazzo & Wiens 1972.
5 Por exemplo, Mitchell (1956:79) diz:
Chefes importantes também têm o direito de caminhar à frente de seus subalternos. Se há três ou quatro chefes voltando de, digamos, uma audiência no tribunal, eles se organizam no caminho em uma ordem que reflete suas posições. Ao seguirem em fila pelos caminhos estreitos nos campos, o líder é o mais velho do grupo. Depois dele vêm os outros chefes, e, por último, todos os plebeus. Essa ordem de prioridade também é seguida quando iniciantes passam pelas cerimônias tribais de iniciação. Ou, para citar Beardsley et al. (1959:88):
O pai e a mãe levam os filhos pequenos para o banho com eles, a avó esfrega as costas dos homens e os parentes ou vizinhos que não têm banheira (três casas em Niike) vêm conversar enquanto esperam a sua vez no fim do dia. O homem mais velho da família termina seu banho primeiro, e a família segue em ordem regular de prioridade de sexo e idade. O primeiro a tomar banho consegue a água mais quente.
Anteriormente, Isaacs (1933: 222 – 3), um psicólogo fazendo o que equivaleu a uma etnografia da criança, escreveu:
'Tomar turnos' é uma das lições mais duras para as crianças com menos de cinco anos aprenderem ... a criança pequena não consegue sem muita experiência acreditar que a 'sua vez' realmente virá no tempo devido. Tudo o que ela sabe é que os outros 'já tiveram a sua vez', e ela não. Uns poucos minutos são uma eternidade quando se está esperando avidamente por um prazer, como montar em um triciclo ou em um balanço. Tampouco se acredita na boa vontade daqueles que estão aproveitando seus turnos antes – sabe-se apenas muito bem o quão prontamente ELES seriam excluídos, se assim nos fosse permitido fazer! Somente a comprovada imparcialidade da justiça do adulto que está no controle possibilitará a transição da afirmação impetuosa de 'quero ISSO AGORA' para aquela crença no futuro que faz a 'tomada de turnos' possível.

6 Entre os antropólogos, Albert (1964: 40-41) foi o que mais chegou perto de tratar a tomada de turnos em si:
A ordem na qual os indivíduos falam em um grupo é rigorosamente determinada pela hierarquia de posição. Se o mais velho presente é socialmente inferior a algum outro indivíduo, a idade precede o *status* social. Assim, um sobrinho pode ser mais velho do que seu tio, mas o tio está em posição superior e falará antes dele. Um príncipe ou um chefe podem ser mais jovens do que os demais presentes, mas falam primeiro em virtude de suas posições superiores. Não há exemplos registrados de confusão ou conflito na questão de determinar a ordem de prioridade, mesmo em grupos muito grandes. Em público, a regra para os empregados, mulheres e demais inferiores é falar quando a eles for dirigida a palavra; do contrário, manter-se em silêncio. Todavia, o padrão é organizado de tal forma que pessoas mais jovens ou socialmente inferiores são, no devido tempo, capazes de expressar suas opiniões. Assim, a pessoa mais velha falará primeiro; o seguinte na ordem de posição abre seu discurso com uma afirmação como: 'Sim, eu concordo com o falante anterior, ele está certo, é mais velho e sabe mais, etc.' Em seguida, dependendo das circunstâncias e das questões, o segundo falante irá gradualmente ou imediatamente expressar suas próprias opiniões, que podem ser diametralmente opostas àquelas previamente expressadas. Não há ofensa, uma vez que a forma de reconhecimento do superior exigida foi usada. Se o *umukuru*, a pessoa mais velha, está realmente muito idosa e fraca, seu filho pode falar primeiro, explicando, logo de início, seu afastamento das regras: 'Meu pai está velho, sua memória não está boa, ele quer que eu fale por ele', ou alguma outra justificativa apropriada é dada. Não é incomum que a ordem formal de prioridade seja abandonada na última parte de uma discussão prolongada e que vozes altas sejam ouvidas, mesmo entre indivíduos de classe mais alta.

7 Exceto, talvez, pela obra *The lost ones* (1972), de Samuel Beckett.
8 Quando falamos em 'livre de contexto' e 'sensível ao contexto', não podemos afirmar o escopo de referência de 'contexto' que é relevante. Por ora, basta empregar uma interpretação de 'contexto' de longa tradição nas ciências sociais – uma que dê conta dos vários lugares, tempos e identidades das partes na interação. O que pretendemos chamar à atenção é que aspectos principais da organização da tomada de turnos são insensíveis a tais parâmetros de contexto e, são, nesse sentido, 'livres de contexto'; mas há ainda o caso em que o exame de qualquer material específico mostrará os recursos livres de contexto do sistema de tomada de turnos sendo usados, dispostos de maneira adequada às particularidades do contexto. É a estrutura livre de contexto que define como e onde a sensibilidade ao contexto pode ser verificada; as particularidades do contexto são exibidas em formas e locais sistematicamente organizados, e são moldadas pela organização livre de contexto. Entendemos que os linguistas usam um sentido diferente para 'livre de contexto' e 'sensível ao contexto',

- no qual 'contexto' se refere ao ambiente sintático ou fonológico, de modo que 'livre de contexto' e 'sensível ao contexto' são possibilidades mutuamente excludentes. Nosso uso vai ao encontro de, em primeira instância, contextos sociais; se ele tem relação com o contexto sintático ou fonológico, não sabemos dizer.
- 9 Existem estruturas óbvias envolvidas nessa lista: estruturas históricas, com referência às quais alguns fatos seriam observados apenas depois de outros; e estruturas substantivas, nas quais pontos diferentes estão relacionados de modo variado uns aos outros. A lista é apresentada de forma a suplantiar qualquer uma dessas estruturas. Pode-se aprender muito ao considerá-las, mas não estamos interessados aqui em tais usos desses pontos. A lista dos pontos é projetada como um conjunto de limitações empíricas ao modelo que propomos e, por ora, nada mais – assim como a maior parte da atenção que daremos ao nosso modelo de tomada de turnos será destinada a mostrar que o modelo vai ao encontro das limitações estabelecidas por essas observações empíricas. A lista deve ser lida com esses usos projetados em mente. Por exemplo, cada item pode ser lido não como seguindo o item que o precedeu na lista, mas sim como seguindo a sentença precedendo a lista como um todo.
- 10 O título 'em qualquer conversa' suscitou, para diversos leitores deste trabalho em sua versão manuscrita, a questão da validade intercultural. Tal questão pode, é claro, ser esclarecida apenas empiricamente, através do exame de variedades de materiais conversacionais. Podemos relatar a validade de nossas afirmações apenas para os materiais que examinamos e, aparentemente, para os materiais tailandeses examinados por Moerman 1972, materiais de crioulo da Nova Guiné examinados por G. Sankoff (comunicação pessoal) e para um número indeterminado de línguas que estão sob a competência de um número substancial de lingüistas (no Instituto de Lingüística em Ann Arbor, Summer 1973 e em outros lugares), que descobriram que o que se segue é consistente com o que eles sabem de suas línguas ou ilumina os problemas recalcitrantes em sua compreensão. Além disso, o exame da conversa intercultural, na qual as partes não compartilham uma mesma língua de competência, mas uma *língua franca*, na qual todos possuem pouca competência, é consistente com o que se segue (cf. Jordan & Fuller, MS). Finalmente, a questão intercultural, como a compreendemos, indaga como as estruturas sobre as quais fazemos nosso relato variam entre as línguas (concebidas lexicalmente ou sintaticamente), ou comunidades lingüísticas, ou entre as organizações sociais, etc. – estruturas que são, portanto, tidas como mais básicas. Essa ordenação não está nem um pouco clara para nós. Realmente achamos que certos aspectos da organização da tomada de turnos podem variar em termos de outros aspectos da organização seqüencial da conversa. E, como sugerimos na seção final deste trabalho, há vários sistemas de tomada de turnos para vários sistemas de troca de fala, por exemplo, conversa, debate, etc.
- 11 Outras características empíricas evidentes da conversa poderiam ser acrescentadas à nossa lista. Aquelas que observamos são todas aspectos importantes da organização da tomada de turnos para a conversa e são, portanto, testes críticos para um modelo dessa organização. Questões de espaço impedem-nos de desenvolver para cada ponto as maneiras em que ele é crítico. Uma evidência do caráter crucial de pelo menos alguns dos pontos é que, em casos em que se apresenta outra característica que não aquela observada, o sistema de tomada de turnos para o qual ela se torna correta não é a CONVERSA, mas sim outro sistema de troca de fala. Nesse sentido, qualquer característica desse tipo (por exemplo, a não pré-especificação da ordem ou do tamanho dos turnos) é critério para a organização da tomada de turnos para a conversa, e é crucial que um modelo proposto seja compatível com ela.
- 12 Podemos perceber que é empiricamente evidente, a partir de materiais seqüenciais, que a projetabilidade opera; isto é, encontramos começos seqüencialmente adequados feitos por próximos falantes depois de turnos compostos de construções de uma única palavra, um único sintagma ou uma única cláusula, sem intervalo – isto é, sem espera pela possível finalização da sentença. Aqui seguem exemplos de turnos de uma única palavra.

- | | | |
|-----|--------------|---|
| (a) | Desk: | What's your last name [Lorraine. |
| | → Caller: | [Dinnis. |
| | → Desk: | What? |
| | → Caller: | Dinnis. |
| | | [FD:IV191] |
| | Atendente: | Qual é o seu nome [Lorraine. |
| | → Ouvinte: | [Dinnis. |
| | → Atendente: | O quê? |
| | → Ouvinte: | Dinnis. |
| (b) | Jeanette: | Oh you know, Mittie–Gordon, eh–Gordon, Mittie's husband died. |

(0.3)
Estelle: Oh whe::n.
Jeanette: Well it was in the paper this morning.
Estelle: It wa::s,
→ Jeanette: Yeah.
[Trio:18]

Jeanette: Ah, sabe, a Mittie- Gordon, eh- Gordon, o marido da Mittie morreu.

(0.3)
Estelle: Ah, quando.
Jeanette: Bem, tava no jornal hoje de manhã.
Estelle: Tava:;
→ Jeanette: É

(c) Fern: Well they're not comin',
→ Lana: Who
Fern: Uh Pam, unless they c'n find somebody.
[Ladies:3:2:5]

Fern: Bem eles não vão vêm,
Lana: Quem?
Fern: À a Pam, a menos que eles consigam achar alguém.

(d) Guy: Is Rol down by any chance dju know?
→ Eddy: Huh?
Guy: Is uh Smith down?
Eddy: Yeah he's down.
[NB:1:5:4]

Guy: Por acaso você sabe se o Rol está aborrecido com alguma coisa?/lá embaixo por acaso?
→ Eddy: Ahn?
Guy: O ã Smith está aborrecido?/lá embaixo?
Eddy: Sim, ele tá aborrecido./lá embaixo.

Exemplos de turnos com um sintagma:

(e) A: Oh I have the- I have one class in the e:vening.
→ B: On Mondays?
A: Y- uh::: Wednesdays. =
B: = Uh- Wednesday, =
A: = En it's like a Mickey Mouse course.
[TG:6]

A: Ah, eu tenho o- Eu tenho uma aula de no:ite.
→ B: Nas segundas?
A: V- ã::: quartas. =
B: = ã - quartas,
A: E é como um curso Mickey Mouse./uma cadeira de brincadeira.

(f) Anna: Was last night the first time you met Missiz Kelly?
(1.0)
→ Bea: Met whom?
Anna: Missiz Kelly.
Bea: Yes.

- Anna: Ontem à noite foi a primeira vez que você encontrou a Sra. Kelly?
 → Bea: Encontrei quem?
 Anna: A Sra. Kelly.
 Bea: Foi.

Exemplos de turnos de uma única cláusula.

- (g) A: Uh you been down here before [havenche.
 B: Yeh.
 → A: Where the sidewalk is?
 B: Yeah,
 → A: Whur it ends,
 B: Goes [all a' way up there?
 A: [They c'm up tuh the:re,
 A: Yeah

[NB:III:3]

- A: ã você já esteve aqui antes, [né?
 B: Já.
 → A: Onde fica a calçada?
 B: Sim,
 → A: Onde ela acaba,
 B: Segue [sempre por ali?
 A: [Eles sobem até lá.
 A: É

Para outro tipo de evidência sobre este ponto, ver seção 4.13 abaixo e os exemplos 24–27. Para dados adicionais e discussão da colocação precisa do início da fala, cf. Jefferson 1973. Como a projeção dos tipos de unidade é realizada, de modo a permitir começos pelo falante seguinte do tipo ?sem nenhum intervalo? é uma questão importante, para a qual os lingüistas podem dar as principais contribuições. Nossa caracterização nas regras e nas discussões subseqüentes deixa em aberto o problema de como a projeção é realizada.

¹³ Um exemplo é:

- (a) Sara: Ben you want some ()?
 Ben: Well allright I'll have a,
 ((pause))
 Sara: Bill you want some?
 Bill: No,

[Schenkein: II: 49]

- Sara: Ben, você quer um pouco de ()?
 Ben: Bom, tudo bem. Eu vou querer um,
 ((pausa))
 Sara: Bill, você quer um pouco?
 Bill: Não,

Aqui os turnos de Ben e Bill são alocados por Sara (exemplo de falante corrente – Sara – selecionando o próximo), e os turnos de Sara são por auto-seleção. Outro exemplo:

- (b) Sy: See Death 'v Salesman las' night?
 Jim: No.
 ((pause))

Sy: Never seen(h)n it?
Jim: No.
Sy: Ever seen it?
Jay: Yes.

[Adato: 2: 9]

Sy: Você viu A Morte do Caixeiro Viajante ontem à noite?
Jim: Não.
((pausa))
Sy: Nunca vi(h)u?
Jim: Não.
Sy: Já viu ?
Jay: Já.

Aqui Jim e Jay são escolhidos como próximos falantes por Sy, e os turnos de Sy são alocados por auto-seleção. Com relação às seleções que Sy faz de quem vai ser o falante seguinte, note que, quer a primeira alternância envolva ou não um destinatário selecionado pelo olhar, a segunda e a terceira são pelo menos parcial e lexicalmente realizadas através dos usos de “nunca” e “já”. O que foi dito acima não deve ser tomado como evidência de que perguntas são sempre auto-selecionadas, ou de que os turnos de quem responde sejam o produto das técnicas de ‘falante corrente seleciona o próximo’, como pode ser visto a seguir:

(c) Jim: Any a’ you guys read that story about Walter Mitty?
Ken: I did.
Roger: Mm hmm

[GTS: 5:25]

Jim: Algum de vocês leu aquela história sobre Walter Mitty?
Ken: Eu li.
Roger: Mm hmm.

Todos os turnos aqui estão alocados por auto-seleção. Para maiores discussões e dados adicionais sobre alocação de turno, ver § 4.12 abaixo.
Eis os exemplos:

(a) Ava: He, he ‘n Jo were like on the outs, yih know?
(0.7)
→ Ava: [So uh,
→ Bee: [They always are(hh)hhh

[TG:JFr:20]

Ava: Ele e o Jo estavam de mal, sabe?
→ Ava: [Então ã,
→ Bee: [Eles sempre t(hh)ãohhh.

(b) Claire: So then we were worse o- ‘n the an’ she went down four,
(0.5)
→ Claire: But uhm
(1.5)
→ Claire: [Uh
→ Chloe: [Well then it was her fault [Claire,
→ Claire: [Yeah, she said one on trump, and I said
two, an’ then she went back t’ two...

[Ladies:2:2:3:14]

Claire: Então ali a gente tava pior q- e ela e ela perdeu quatro.
(0.5)
→ Claire: Mas ahn
(1,5)
→ Claire: [Ã
→ Chloë: [Bom então a culpa foi dela [Claire,
Claire: [Sim, ela disse um trunfo, e eu disse dois, e
então ela voltou pra dois...

(c) Roger: That's a joke that police force. They gotta hundred cops around the guy
en so(h)m e guy walks in and says I'm gonna shoot you and shoots him.
→ Roger: :hmmhhh heh
→ Roger: En it's the president's assassin y' know,
(0.9)
→ Roger: They're wonder [ful
→ Louise: [Hum- Now they're not even sure.
[GTS:1:2:36]

Roger: É brincadeira essa polícia. Eles tinham centenas de tiras em volta do cara
e u(h)m cara chega e fala, "Vou atirar em você" e atira no outro.
Roger: :hmmhhh heh
→ Roger: E é o assassino do presidente sabe,
(0.9)
→ Roger: Eles são maravilho[sos.
→ Louise: [ah- agora eles não têm nem mesmo certeza.

¹⁵ Falamos de 'LUGAR relevante para a transição' para evitar escolher, através de um termo, entre características compatíveis alternativas e possíveis da coordenação de transição que estamos atualmente investigando. Há aspectos da coordenação de transição que parecem exigir a noção de 'espaço' para transições, por exemplo, silêncios interturnos que não são tratados pelos participantes como intervalos ou pausas. E há aspectos das transições para os quais a noção de 'ponto' de transição parece correta; por exemplo, o fim de uma pergunta, que seleciona o falante seguinte, parece frequentemente constituir um ponto de transição – um novo turno começa aí, quer a fala de outros tenha ou não imediatamente iniciado. 'Espaço' e 'ponto' não precisam ser mutuamente incompatíveis, conforme a discussão posterior indicará. As preocupações deste trabalho, a nós nos parece, não se voltam para essa ordem de detalhes, e evitamos tratar com preconceito a questão através do uso de 'lugar', do qual ambos 'espaço' e 'ponto' são especificações possíveis.

¹⁶ A ocorrência de troca de falantes é o caso de uma seqüência de dois turnos, por exemplo, somente ?A: Olá; B: Olá (A: Hello; B: Hello)', sem nada depois.

¹⁷ Cf. Jefferson 1973, que trata especificamente dessa questão.

¹⁸ Não será considerada aqui a relação entre o breve intervalo que pode caracterizar uma transição realizada e os silêncios prolongados que de fato ocorrem no decorrer das conversas, caracteristicamente entre seqüências, exceto para observar-se que a regra 1b estabelece, de fato, que a auto-seleção é opcional, enquanto que a regra 1c estabelece que 'o mesmo falante continuar' também é opcional. Essa combinação permite a possibilidade de um lapso, que será considerada no § 4.11 abaixo.

¹⁹ Como nos exemplos a-g na nota de rodapé 12, a-c na nota de rodapé 13, a-c na nota de rodapé 14, 1-3, 12 e 21-23 abaixo.

²⁰ Tamanhos variáveis de turnos compostos por uma única unidade estão ilustrados nos exemplos a-g na nota de rodapé 12, a-c na nota de rodapé 13 e em outras partes.

²¹ Para turnos curtos com uma única unidade do tipo sentencial, ver o exemplo b na nota de rodapé 12 e o exemplo (c) na nota de rodapé 13 acima.

²² Ver §4.12 abaixo – e, para maior elaboração, Schegloff & Sacks.

²³ Discussões sobre vários tipos de seqüências foram publicadas ou estão no prelo: por exemplo, seqüências de chamamento e resposta (Schegloff 1968), seqüências laterais (Jefferson 1972), seqüências inseridas (Schegloff 1972), seqüências de encerramento (Schegloff e Sacks 1973), seqüências de histórias (Sacks 1974), seqüências expandidas (Jefferson & Schenkein, MS) e várias outras (por exemplo, Jefferson 1973).

²⁴ Por exemplo, algumas vezes é sugerido na literatura sobre pequenos grupos que a distribuição relativa dos turnos (ou alguma medida semelhante) é um índice de (ou meio de) poder, *status*, influência, etc. Segundo Bales (1970:62, 76-7):

É verdade que a quantidade de fala não é uma pista completamente confiável de *status*—o comportamento explícito de certas pessoas ou subgrupos algumas vezes parece marcadamente em desconformidade com o que alguém poderia esperar, se quantidades de participação seguissem a ordem convencional de *status*. Entretanto, prestar atenção em quem fala, o quanto fala e com quem fala pode ser inesperadamente esclarecedor.

Quem fala, o quanto fala e com quem fala no grupo é um ‘fato bruto’ que caracteriza a situação real presente. Falar toma tempo. Quando um membro fala, isso demanda tempo e atenção de todos os outros membros do grupo, alguns dos quais podem querer falar eles mesmos. Tomar tempo ao falar em um grupo pequeno é exercitar o poder sobre os outros membros por, pelo menos, a duração do tempo tomado, a despeito do conteúdo. É um exercício de poder, que pode não coincidir de modo algum com a posição de *status* do indivíduo baseado em critérios externos ou até mesmo em critérios especiais desenvolvidos dentro do grupo ...

Dentro do pequeno grupo o tempo tomado por um dado membro em uma dada sessão é praticamente um índice direto da quantidade de poder que ele tentou exercer naquele período.

Sugerimos, no próximo parágrafo, um outro tipo de cautela, em adição àqueles indubitavelmente observados pelos pesquisadores nessa área, os quais podem ser tomados em tais usos da distribuição relativa dos turnos por analistas profissionais.

25 O que segue não é verdadeiro para qualquer lugar relevante para a transição, mas apenas para certas classes de lugares de transição, caracterizáveis em relação às organizações de seqüências, não à organização da tomada de turnos.

26 Isto é, o tratamento do silêncio pelas partes na conversa é dependa da sua localização. Colocando isso de uma maneira geral: o silêncio intraturnos (não no lugar relevante para a transição) é uma ‘pausa’ e inicialmente não deve ser preenchida por fala pelos outros; o silêncio após um ponto de finalização possível é, inicialmente, um intervalo e deve ser minimizado; silêncios extensos lugares relevantes para a transição podem tornar-se lapsos. Mas alguns silêncios são transformáveis. Assim, se um silêncio em desenvolvimento acontece num lugar para a transição e é, dessa forma, um intervalo (em potencial), ele pode ser encerrado pela fala da mesma parte que estava falando antes; então, o ‘intervalo’ é transformado em uma ‘pausa’ (sendo agora intraturno). Essa é uma forma através da qual o ‘intervalo’ é minimizado (cf. exemplos (b) e (c) na nota 14 acima e no exemplo 1.).

27 A relação pelo ciclo de opções entre as regras 1b e 1c, conforme apresentadas aqui, pode ajudar a explicar resultados como aqueles relatados por Matarazzo & Wiens, segundo os quais ‘latências de tempo de reação’ (o tempo entre a finalização de um falante e o início do falante seguinte em uma conversa de duas partes) são menores, na média, do que as ‘latências de tempos de iniciativa’ (o tempo existente entre a ‘finalização’ de um falante e o início da elocução ‘subseqüente’ para o mesmo falante), não tendo o outro participante falado. Foi, em parte, pelo encontro com dados semelhantes nos nossos materiais que chegamos a essa formulação das regras.

28 Visto que a alocação de turno tem aparecido tanto como um fato empírico sobre a conversa quanto como parte dos componentes e do conjunto de regras, a sua discussão é mais extensa do que em outras seções e preocupa-se em explicar, pelo menos parcialmente, aquela parte do conjunto de regras. O tema de mostrar a compatibilidade do modelo com os fatos gerais é diferente no caso da alocação de turno daquele de outros fatos, pois é um resultado central do desenho do modelo fazer com que diversas técnicas de alocação sejam compatíveis com um falante-de-cada-vez, através da ordenação dos mesmos (ver §3 acima).

29 Ver nota de rodapé 13 acima e exemplo 21 abaixo.

30 ‘Dirigir-se a alguém’ propriamente dito pode funcionar como uma primeira parte do par, por exemplo, como no chamamento; cf. Schegloff 1968.

31 Como no exemplo (a) da nota de rodapé 13; ou nos exemplos 14 e 21.

32 Por exemplo, um dos grandes grupos de inícios de turnos são os começos de sentenças; todos são informativos em algum grau sobre o caráter da sentença ou turno assim iniciado e alguns o são de modo extremo. Assim, a fala de um turno que se inicia com um PRONOME DO TIPO QU (WH-WORD) projeta poderosamente o possível envolvimento de um caráter ‘de pergunta’ para aquele turno, com conseqüências a esta altura já familiares – por exemplo, que ele irá possivelmente selecionar um falante seguinte, possivelmente selecionar o último falante como falante seguinte e (dada a disponibilidade do formato de pergunta com uma só alavra) possivelmente efetuar uma transferência de turno rápida.

33 Ver nota de rodapé 12 acima.

34 Ver §4.12, ponto (b), para ‘repetições parciais’ e a citação lá presente.

36 Para discussão de dois aspectos diferentes acerca de reparo, cf. Jefferson 1972, Sacks & Schegloff 1974. Um exemplo é o seguinte: mãe, filha de onze anos e cachorro na cama; a filha está indo dormir; anteriormente na conversa houve falas endereçadas ao cachorro.

- M: Whad are you doin'.
 L: Me?
 M: Yéh, [you goina go ta sleep like that?
 L: [Nothing
 L: No, hh heh hh hh
 M: With your rear end sticking up in the air, how you gonna sleep like that.
 L: heh heh I'm n(h)ot(h)

[L & M:7]

- M: Quê você tá fazendo?
 L: Eu?
 M: É [você vai ir dormir desse jeito?
 L: [Nada
 L: Não, hh heh hh hh
 M: Com seu bumbum virado pra cima, como você vai dormir desse jeito.
 L: heh heh eu n(h)ão(h) vou

³⁷ Trabalhos anteriores sobre o reparo (por exemplo, Jefferson 1972, Schegloff 1972, Sacks & Schegloff 1974) encontraram a ordenação do reparo pelo sistema de tomada de turnos, sem ter especialmente procurado por ela. Observe-se em particular os dados em Jefferson 1972 com vistas à presente discussão.

³⁸ Assim, enquanto uma pergunta dirigida a alguém exige uma resposta da parte endereçada, é o sistema de tomada de turnos, em vez de características sintáticas ou semânticas da 'pergunta', que exige que a resposta venha no turno/turno 'seguinte'.

³⁹ Pesquisadores anteriores, por exemplo, Bales 1950 e Jaffe & Feldstein 1970, ao procurarem por uma unidade que pudesse ser 'reconhecida' (possivelmente por boas razões técnicas para a pesquisa que desenvolviam), concentraram-se em sua completude autodeterminada, independente, reconhecível. Isso parece contrastar com o principal caráter da organização dos turnos da conversa, que é a formatação interacional dos turnos.

⁴⁰ Devemos a possibilidade de jamais termos vislumbrado a importância do tema da particularização ao nosso relacionamento com Harold Garfinkel; cf. seus trabalhos de 1967 e 1970.

⁴¹ A respeito de seleção de palavras, cf. Sacks & Schegloff.

⁴² Cf. Jefferson 1973: 56-71, et passim.

⁴³ Também não é o caso de a característica ser exclusiva de uma comunidade lingüística ou social em particular. Ela fica evidentemente demonstrada em conversas, reuniões, etc. em sociedades cujas línguas e sistemas de organização social diferem drasticamente. Cf., por exemplo, Albert, e nota de rodapé 10 acima.

Referências

ALBERT, E. 1964. 'Rhetoric', 'logic', and 'poetics' in Burundi: culture patterning of speech behavior. In Gumperz & Hymes, 35-54.

BALES, R. F. 1950. Interaction process analysis. Cambridge, Mass.: Addison Wesley.

_____. 1970. Personality and interpersonal behavior. New York: Holt, Rinehart & Winston.

BARKER, R. G., e H. F. WRIGHT. 1951. One boy's day. New York: Harper.

BEARDSLEY, R. K.; J. W. HALL; e R. E. WARD. 1959. Village Japan. Chicago: University of Chicago Press.

BECKETT, S. 1972. The lost ones. New York: Grove Press.

COLEMAN, J. 1960. The mathematical study of small groups. Mathematical thinking in the

measurement of behavior: small groups, utility, factor analysis, ed. por H. Solomon,

7-149. Glencoe, Ill.: Free Press.

DUNCAN, S. D., JR. 1972a. Some signals and rules for taking speaking turns in conversations. *Journal of Personality and Social Psychology* 23.283-92.

_____. 1972b. Distribution of auditor back-channel behaviors in dyadic conversation. A sair em *Journal of Psycholinguistic Research*.

_____. 1973. Toward a grammar for dyadic conversation. *Semiotica* 9.29-46.

GARFINKEL, H. 1976. *Studies in ethnomethodology*. Englewood Cliffs, N.J.: Prentice-Hall.

_____, e H. SACKS. 1970. On formal structures of practical actions. *Theoretical sociology*, ed. por J. C. McKinney & E. A. Tiryakian, 337-66. New York: Appleton-Century-Crofts.

GOFFMAN, E. 1955. On face work: an analysis of ritual elements in social interaction. *Psychiatry* 18.213-31.

_____. 1964. The neglected situation. In Gumperz & Hymes, 133-6. 2002. *A situação negligenciada* (P. M. Garcez, Trad.). In Ribeiro & Garcez (Orgs.), 13-20. *Sociolingüística Interacional*. São Paulo: Loyola.

_____. 1971. *Relations in public*. New York: Basic Books.

GOLDBERG, J. MS. A system for the transfer of instructions in natural settings. A sair em *Semiotica*.

GUMPERZ, J. J., e D. Hymes (eds.) 1964. *The ethnography of communication*. *American Anthropologist* 66:6, part 2 (special publication). Menasha, Wisc.

ISAACS, S. 1933. *Social development in young children*. New York: Harcourt Brace.

JAFFE, J. e FELDSTEIN, S. 1970. *Rhythms of dialogue*. New York: Academic Press.

JEFFERSON, G. 1972. Side sequences. In Sudnow, 294-338.

_____. 1973. A case of precision timing in ordinary conversation: overlapped tag-positioned address terms in closing sequences. *Semiotica* 9.47-96.

_____, e J. SCHENKEIN, MS. Some sequential negotiations in conversation: unexpanded and expanded versions of projected action sequences. A sair em Schenkein et al.

JORDAN, B., e N. FULLER, MS. The non-fatal nature of trouble: sense-making and trouble managing in lingua franca talk. A sair em *Semiotica*.

KENDON, A. 1967. Some functions of gaze direction in social interaction. *Acta Psychologica* 26.1-47.

MATARAZZO, J., e A. WIENS. 1972. *The interview: research on its anatomy and structure*. Chicago: Aldine-Atherton.

MILLER, G. 1963. Review of *Universals of language*, ed. por J. Greenberg. *Contemporary Psychology* 8.417-18.

- MITCHELL, J. C. 1956. The Yao village. Manchester: University Press.
- MOERMAN, M. 1972. Analysis of Lue conversation: providing accounts, finding breaches, and taking sides. In Sudnow, 170-228.
- _____, e H. SACKS, MS. On understanding in conversation.
- SACKS, H. 1972. An initial investigation of the usability of conversational data for doing sociology. In Sudnow, 31-74.
- _____. 1974. An analysis of the course of a joke's telling in conversation. In Sherzer & Baumann. (Eds.). Explorations in the ethnography of speaking. Cambridge: Cambridge University Press.
- _____, e E. Schegloff, 1974. Two preferences in the organization of reference to persons in conversation and their interaction. In Avison & Wilson (Eds.). Ethnomethodology, labelling theory, and deviant behavior. Londres: Routledge & Kegan Paul.
- SCHEGLOFF, E. 1968. Sequencing in conversational openings. American Anthropologist 70.1075-95.
- _____. 1972. Notes on a conversational practice: formulating place. In Sudnow, 75-119.
- _____. MS. On some questions and ambiguities in conversation. In Schenkein et al.
- _____, e H. SACKS. 1973. Opening up closings. Semiotica 8.289-327.
- SCHENKEIN, J.; F. SACK; e E. WEINGARTEN (eds.) MS. Issues in conversational analysis. Berlim: Suhrkamp Verlag (a sair).
- STEPHAN, F. F., e E. G. MISHLER, 1952. The distribution of participation in small groups: an exponential approximation. American Sociological Review 17.598-608.
- SUDNOW, D. N. (ed.) 1972. Studies in social interaction. New York: Free Press.
- YNGVE, V. 1970. On getting a word in edgewise. Papers from the 6th Regional Meeting, Chicago Linguistic Society, 567-77.